

**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**SATISFAÇÃO CONJUGAL, PARENTALIDADE E VINCULAÇÃO AO PAR**  
**ROMÂNTICO: UM ESTUDO DIÁDICO**

Joana Marques Gomes

outubro 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Paula Mena Matos*** (F.P.C.E.U.P.)

A presente dissertação de mestrado decorreu no âmbito do Projeto (RE)CONCILIAR: Impacto da Conciliação Trabalho-Família na Parentalidade e no Desenvolvimento das Crianças, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/MHCCED/5218/2012).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## Agradecimentos

A vivência de cinco anos académicos só fez sentido *estando e sendo* com os outros. A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a concretização deste estudo e, sobretudo, para a minha história pessoal, o meu sincero obrigada, estou-vos eternamente grata. Em especial:

à *Prof.<sup>a</sup> Doutora Paula Mena Matos*, primeiramente por toda a compreensão e paciência dispensada, mas também por me ter ensinado o verdadeiro significado de compromisso. Obrigada por ter permitido explorar o meu interesse e paixão pela conjugalidade e pelos sábios conselhos de quem constitui, para mim, uma figura repleta de conhecimento.

à *Doutora Marisa Matias* e ao *Doutor Tiago Ferreira*, pela enorme disponibilidade e por terem cultivado o meu interesse pelo conhecimento científico. Obrigada por prontamente terem dado resposta aos meus pedidos de ajuda e por constituírem uma inspiração no que diz respeito à área da investigação.

aos meus *pais*, pelo constante apoio e investimento ao longo desta nova etapa da minha vida. Por me lembrarem e fazerem acreditar que posso ser sempre mais e melhor e, ainda, marcar a diferença.

aos meus *irmãos*, por, mesmo com a distância, se fazerem sentir sempre tão perto. Pela curiosidade e exaltação com que sempre abraçaram os meus projetos. Por constituírem a maior certeza inquestionável na minha vida. Por serem a minha *base segura*!

à *Maria*, por constituir o topo da minha *hierarquia de figuras de vinculação*. "Por tudo, e por nada"!

à *Marie*, pela troca infindável de gargalhadas, lágrimas e abraços. Por ser o melhor *porto seguro*!

ao Nuno, pela paciência, pela oportunidade, pelo investimento, pela cumplicidade. Pela importância que continua a representar na minha evolução pessoal. Por, através da sua experiência no "ballet", conseguir com que me aguento sempre "em pontas"!

à Xana, à Mariana, à Mara e à Diana, por terem tornado todo este processo suportável e me ensinarem o valor do companheirismo. Por todas as frustrações partilhadas mas, principalmente, compreendidas!

à Sara, à Carla e à Ana, por me fazerem acreditar que as amizades da faculdade são para a vida. Por, a meu lado, terem tornado cada momento (ainda mais) especial!

à Rita Pasion, por tão prontamente me ter dado a mão nestes primeiros passos, nada fáceis, da investigação. Pelo deliciosa forma com que, desde o início, me incentivou a pensar e, acima de tudo, a não desistir. Por honrar, ano após ano, este nosso vínculo e por não omitir o orgulho que é ver-me crescer (e vencer).

à Catarina Morais, pela forma tão peculiar como configura o conceito de "amiga". Por ser a minha "supermulher". Pelo efeito mediador que exerce na relação entre o meu pensamento e o meu comportamento.

aos companheiros deste "caminhar laranja", *Raquel, Sandra, Carolina, Paula, Mariana, Francisco, Rui e Paulo*, por serem o indescritível e o imensurável!

ao *Marcos*, por tanto, por tudo. Pela sua distinta responsividade ao "nós". Pelo inexplicável entendimento no pensar e, principalmente, no sentir. Pela magia que representa ao me incentivar a "desenhar todas as páginas do meu caderno"!

## Resumo

Este estudo visa alargar a compreensão relativamente à *satisfação conjugal* e o seu impacto no modo como os pais se configuram ao nível do *exercício da parentalidade*. O principal objetivo consiste na exploração da relação entre a satisfação conjugal e as dimensões associadas à parentalidade, em homens e mulheres portuguesas, pertencentes a famílias de duplo emprego, com pelo menos um filho em idade pré-escolar. Para além disto, pretende-se ainda verificar o papel que a *vinculação ao par romântico* desempenha nestas variáveis. A amostra é constituída por 268 participantes (134 casais) e foram utilizados os seguintes instrumentos de autorrelato: *Relationship Assessment Scale* (Hendrick, 1988), *Parent as a Social Context Questionnaire* (Skinner, Regan, & Wellborn, 1986) e, ainda, o *The Experiences in Close Relationship Scale* (ECR-Short Form) (Wei, Russell, Mallinckrodt & Vogel, 2007). Realizaram-se análises correlacionais, diferenciais, de regressões e, ainda, de mediação. De entre os principais resultados encontrados, destacam-se: níveis superiores de satisfação conjugal nos homens; a satisfação conjugal e a vinculação romântica como preditores do exercício parental e a satisfação conjugal da mulher como variável mediadora entre a vinculação ao par amoroso (evitamento do homem) e o exercício da parentalidade (rejeição da mulher). Ressalva-se, por último, o carácter diádico da presente investigação.

**Palavras - Chave:** vinculação na idade adulta, satisfação conjugal, parentalidade, análise diádica

## Abstract

This study aims to enlarge the comprehension concerning the *marital satisfaction* and the influence in the way parents arrange themselves in their *parenthood*. Specifically, the main objective lies in exploring the relationship between satisfaction in conjugal relationship and the dimensions associated to the parenthood, in portuguese men and women, belonging to double-job families, with at least one child in pre-schooler age. Morevoer, it aims to test the influence of *romantic attachment* in those variables. The data was collected from 268 subjects (134 couples) and the following self-reporting instruments were used: *Relationship Assessment Scale* (Hendrick, 1988), *Parent as a Social Context Questionnaire* (Skinner, Regan, & Wellborn, 1986) and *The Experiences in Close Relationship Scale* (ECR-Short Form) (Wei, Russell, Mallinckrodt & Vogel, 2007). Correlational, differential, mediation and regression analysis were made. Concerning the results, we can point out: the differences between the dyade regarding marital satisfaction; spouses satisfaction and romantic attachment as predictors of parenthood and marital satisfaction as mediator between attachment to romantic partner and parenthood. The fact that this research was conducted with dyads deserves to be highlighted.

**Key - Words:** adult attachment, marital satisfaction, parenthood, dyadic analysis

## Resumé

Cette étude veut élargir la compréhension concernant la satisfaction conjugale et son impact dans la façon comme les parents se configurent au niveau de la parentalité. Le principal objectif comporte dans l'exploration de la relation entre la satisfaction conjugale et les dimensions associées à la parentalité, chez les hommes et femmes qui appartiennent à des familles avec double-emploi et avec au moins un enfant en âge préscolaire. Ultérieurement, on prétend vérifier le rôle que l'attachement au couple romantique performe dans ces variables. On a choisi, transversalement, données de 268 participants (134 couples) et utilisés les instruments d'auto-évaluation: *Relationship Assessment Scale* (Hendrick, 1988), *Parent as a Social Context Questionnaire* (Skinner, Regan, & Wellborn, 1986) et le *The Experiences in Close Relationship Scale* (ECR-Short Form) (Wei, Russell, Mallinckrodt & Vogel, 2007). Les analyses corrélationnelles ont été faites, ainsi comme les différentiels et régressions. Entre les principaux résultats trouvés, en met en évidence : La différence entre la dyade au niveau de la satisfaction conjugale ; la satisfaction et l'attachement romantique comme prédicteurs de la parentalité et la satisfaction conjugale comme médiateur entre l'attachement au couple amoureux et la parentalité. Néanmoins, on souligne le caractère dyadique de la présente investigation.

**Mots – clés:** l'attachement adulte, la satisfaction conjugale, la parentalité, analyse dyadique



## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I. Estado de arte: Revisão de Literatura .....</b>	<b>2</b>
1. Satisfação conjugal.....	2
2. As relações de vinculação na idade adulta .....	6
3. A relação entre a parentalidade e a satisfação conjugal .....	9
4. A relação entre a satisfação conjugal, o exercício da parentalidade e a vinculação ao par romântico .....	12
<b>Capítulo II. Estudo empírico .....</b>	<b>16</b>
1. Objetivos.....	16
2. Hipóteses de investigação.....	16
3. Método.....	18
3.1. Participantes e Procedimento .....	18
3.2. Instrumentos.....	19
<b>Capítulo III. Apresentação de Resultados .....</b>	<b>24</b>
1. Diferenças intra-casais nas dimensões estudadas .....	24
2. As dimensões da vinculação ao par romântico e a satisfação conjugal como preditoras das dimensões do exercício da parentalidade.....	25
3. A satisfação conjugal como variável mediadora entre as dimensões da vinculação ao par romântico e do exercício da parentalidade.....	31
<b>Capítulo IV. Discussão dos Resultados .....</b>	<b>33</b>
1. Discussão dos Resultados Apresentados .....	33
2. Limitações e Pistas para Investigações Futuras .....	39
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>41</b>

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1. *Médias, desvios-padrão e valores de alfa de Cronbach das variáveis em estudo.*

Tabela 2. *Análises de Regressão Múltipla: predição da dimensão estrutura.*

Tabela 3. *Análises de Regressão Múltipla: predição da dimensão caos.*

Tabela 4. *Análises de Regressão Múltipla: predição da dimensão apoio à autonomia.*

Tabela 5. *Análises de Regressão Múltipla: predição da dimensão coerção.*

Tabela 6. *Análises de Regressão Múltipla: predição da dimensão calor.*

Tabela 7. *Análises de Regressão Múltipla: predição da dimensão rejeição.*

Tabela 8. *Efeitos encontrados na exploração do modelo de mediação formulado.*

## **Índice de figuras**

Figura 1. *Representação visual dos preditores significativos das dimensões do exercício da parentalidade - homens*

Figura 2. *Representação visual dos preditores significativos das dimensões do exercício da parentalidade - mulheres*

Figura 3. *Figura 3. Modelo de mediação completo predizendo a dimensão rejeição da mulher*

## **Índice de Anexos**

Anexo 1. *Correlações bivariáveis das dimensões em estudo.*

*Para atravessar contigo o deserto do mundo  
Para enfrentarmos juntos o terror da morte  
Para ver a verdade para perder o medo  
Ao lado dos teus passos caminhei*

*Por ti deixei meu reino meu segredo  
Minha rápida noite meu silêncio  
Minha pérola redonda e seu oriente  
Meu espelho minha vida minha imagem  
E abandonei os jardins do paraíso*

*Cá fora à luz sem véu do dia duro  
Sem os espelhos vi que estava nua  
E ao descampado se chamava tempo*

*Por isso com teus gestos me vestiste  
E aprendi a viver em pleno vento*

Sophia de Mello Breyner Andreson

## **Introdução**

O contínuo interesse na investigação da satisfação conjugal revela, em boa parte, o facto dos relacionamentos satisfatórios serem identificados pelos próprios cônjuges como uma das principais fontes de felicidade pessoal (Bystronski, 1992; 1995; Fincham & Beach, 2010) e de se constituir como um fator preponderante para a qualidade de vida das famílias (Bradbury, Fincham & Beach, 2000; Dessen & Braz, 2005). O modo como um casal preconiza e se sente satisfeito com o funcionamento da sua relação tem igualmente uma influência no desenvolvimento dos padrões de prestação de cuidados aos filhos, ao mesmo tempo que interfere na qualidade das relações estabelecidas entre o sistema familiar e conjugal. A qualidade e a satisfação com a relação marital surge então como um elemento determinante na operacionalização e adaptação ao exercício da parentalidade (Mendes, 2007).

A transição para a parentalidade, considerada uma das mudanças mais marcantes na vida de um indivíduo (Heinicke, 2002), tem recebido considerável atenção na literatura, surgindo como uma das principais causas responsável pelo declínio sentido em quase todos os casais primíparos (Belsky & Kelly, 1994; Cox & Paley, 1997; Shapiro, Gottman & Carrere, 2000). Esta ideia relaciona-se com a necessidade dos cônjuges redistribuírem e reelaborarem os papéis e funções por si preconizados. Ademais, o tempo despendido para o casal sofre uma redução (Cavanaugh & Blanchard-Fields, 2015). A parentalidade assume-se, então, como uma temática relevante pela influência que desempenha na satisfação percecionada pelos membros do casal, dado os desafios que ser pai/mãe e ao mesmo tempo marido/esposa encerram, sendo que sofre também a influência da própria satisfação conjugal.

Através do presente estudo pretende-se compreender não só o impacto da satisfação conjugal no exercício da parentalidade, como também explorar de que modo a satisfação conjugal medeia a relação entre a vinculação ao par amoroso e o exercício da parentalidade. Posto isto, o primeiro capítulo apresenta uma revisão da literatura relativamente à satisfação conjugal, à vinculação na idade adulta, destacando-se a vinculação romântica, assim como à parentalidade, especialmente as dimensões que a constituem e o impacto da mesma na conjugalidade, e às associações que têm sido estabelecidas entre elas. Por sua vez, o segundo capítulo diz respeito ao estudo empírico, sendo então exposta a metodologia utilizada para esse fim. Por último, no terceiro e quarto capítulos, encontram-se os resultados do estudo, seguidos da sua

discussão e considerações finais. É esperado com o presente trabalho contribuir para um conhecimento mais profundo das temáticas supracitadas, promovendo o contínuo interesse num tema que procura explorar a conjugação de dois papéis importantes desempenhados ao longo do ciclo vital: ser-se pai/mãe e marido/esposa.

## **Capítulo I. Estado de arte: Revisão de Literatura**

### **1. Satisfação conjugal**

A satisfação conjugal é conceptualizada como um dos principais constructos envolvido no estudo da temática da conjugalidade. Tendo em conta as inúmeras pesquisas levadas a cabo com o intuito de compreender a manutenção e/ou dissolução desta tipologia de relacionamento (Neto, 2005), o estudo desde conceito justifica-se pela centralidade que ocupa no bem-estar do indivíduo e do próprio sistema familiar (Bradbury, Fincham & Beach, 2000).

Enquanto aspeto central da vida adulta, a qualidade dos relacionamentos íntimos tem implicações não só na saúde mental dos indivíduos mas também na sua saúde física e vida profissional. Partindo deste pressuposto, desde o século XX tem-se assistido a um progressivo interesse em compreender a vida amorosa e conjugal, bem como avaliar a qualidade destas relações (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004). Enquanto que até à década de 60 os estudos acerca da satisfação conjugal procuravam prever a viabilidade das relações conjugais, a partir desta altura diversos autores passaram a preocupar-se com a formulação de modelos que permitissem avaliar os relacionamentos e, ainda, compreender mais amplamente os processos envolvidos numa maior ou menor satisfação conjugal (Dela Coleta, 1989; Hicks & Platt, 1970; McNamara & Bahr, 1980; Spanier, 1976).

Existe uma grande complexidade inerente à definição da satisfação conjugal. Se para alguns autores este conceito se pauta pela sua subjetividade, envolvendo a manutenção das necessidades e desejos do indivíduo, assim como a correspondência às necessidades e desejos do parceiro (Gray-Little & Burcks, 1983), outros ressaltam a compreensão do mesmo à luz do contexto social em que o próprio relacionamento está inserido (Wagner & Falcke, 2001). Destaque ainda para os contributos de Narciso e Costa (2002), que sugerem a compreensão da satisfação marital à luz da interação entre os processos conjugais experienciados. As autoras distinguem os *operativos* ou

comportamentais que dizem respeito ao *modus operandi* na e da relação, correspondendo ao funcionamento conjugal (comunicação, conflitos e resolução de problemas); os *afetivos*, associados ao amor e aos fatores relacionais afetivos que o catalisam e que por ele são catalisados (intimidade e o compromisso); e, por último, os *cognitivos*, associando-se a fatores mais individuais como pressupostos, padrões e/ou percepções que, na íntegra, constituem uma influência bidirecional na relação (expectativas e atribuições). Posto isto, depreende-se a complexidade do fenómeno em questão que, pelas transformações nos fatores anteriormente explicitados, poderá sofrer variações no decorrer dos anos em que o convívio do casal acontece (Norgren et al., 2004).

A satisfação conjugal deve ser encarada como uma reação subjetivamente experienciada no próprio casamento. Corresponde a uma atitude a respeito do próprio relacionamento, atuando como resultado da diferença entre a percepção da realidade do casamento e as aspirações que cada um dos cônjuges tem para a relação (Dela Coleta, 1989). Assim, se a satisfação depende da avaliação que cada elemento faz da relação, essa apreciação será sempre subjetiva e influenciada então por um vasto leque de variáveis que atuam sobre a percepção de ambos os envolvidos na relação e, consequentemente, sobre a sua satisfação (Garcia & Cano, 2009).

Partindo do pressuposto de que a satisfação num casal constitui um processo evolutivo (não linear) em que se assiste a um jogo dinâmico entre satisfação e insatisfação (Narciso & Costa, 2002), importa refletir nos fatores responsáveis por esta não linearidade. Sobre isto, Falcke, Diehl e Wagner (2000) afirmam que a satisfação conjugal é influenciada tanto por fatores conscientes como inconscientes, relativos a aspetos psicológicos e, ainda, por fatores do meio ambiente, como o sexo, o grau de escolaridade, a presença ou ausência de filhos, o número de filhos, o nível socioeconómico e o tempo de casamento. Outros autores acrescentam ainda complexidade a este fenómeno avançando com a ideia de que fatores micro e macroambientais desempenham igualmente um papel preponderante na satisfação conjugal (Bradbury et al., 2000), concretamente, a qualidade da relação estabelecida entre os cônjuges e os pais, experiências/existência de relações conjugais anteriores, conjuntura económica e políticas governamentais.

Como vimos anteriormente, ainda que se assista a uma diversidade de definições que propõem clarificar em que consiste a satisfação conjugal (Perlin, 2006), a literatura é uníssona quanto ao facto de que esta se impõe como um fator fundamental na vida de

um casal (Scorsolini-Comin & Santos, 2010). Não obstante, a conceptualização daquilo que constitui um casamento satisfatório é ainda uma tarefa árdua na comunidade científica (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006). Sobre isto, importa considerar as experiências que cada elemento da díade traz das suas famílias de origem que, inevitavelmente, afetam a maneira como eles constroem o relacionamento a dois (Costa, 2005; Wagner & Falcke, 2001). Assim, no conceito de satisfação conjugal, estão implicadas tanto as experiências precoces do sujeito na sua família, bem como aspetos vivenciais da relação diádica atual, sem esquecer variáveis de personalidade e biodemográficas.

Ainda que a literatura perspetive a conjugalidade como uma fonte geradora de bem-estar (Oliveira, 2005) e reconheça as suas valências, vários são os efeitos da (in)satisfação conjugal na vivência intra-casal. O casamento (bem como outra configuração de conjugalidade) só constitui uma fonte de gratificação se existir satisfação conjugal, caso contrário poderá reduzir-se a uma fonte de *stress* (Fincham & Bradbury, 1900; citado por Oliveira, 2005). Perante este cenário, que geralmente resulta no aumento dos conflitos conjugais, é exercida uma influência direta e negativa noutros envolventes, concretamente, os filhos e os familiares (Gottman & Silver, 2000). Sobre isto, Bolze, Schmidt, Crepaldi e Vieira (2013) propõem alguns cuidados que devem ser tomados por forma a proteger e fortalecer o vínculo conjugal mediante possíveis eventos potenciadores de *distress*. O respeito, a validação dos sentimentos do outro, a flexibilidade e o reconhecimento pelos esforços do cônjuge em prol do casamento surgem então como fatores de extrema relevância. Oliveira, Falcone e Ribas Júnior (2009) apontam ainda a empatia, indicativo de maiores níveis de satisfação e ajustamento conjugal, como um elemento importante para uma maior qualidade no relacionamento. Sobre isto, os autores explicam que quando um parceiro possui níveis elevados de empatia é capaz de colocar-se no lugar do outro, compreendendo os seus pensamentos e sentimentos, fomentando no parceiro uma sensação de validação.

No momento inicial em que a relação a dois se desenvolve, o casal apresenta indicadores positivos quanto à avaliação da satisfação conjugal, algo que tende a decrescer ao longo dos anos (Impett et al., 2010). A transição para a parentalidade é apontada como uma das transições que mais contribui para o declínio da satisfação conjugal (Belsky & Kelly, 1994; Cox, Paley, Burchinal & Payne, 1999; Shapiro et al., 2000) resultando, em alguns casos, na dissolução do casal (Menezes & Lopes, 2007). Não obstante, mesmo depois deste período, a presença de filhos menores (e por isso

mais dependentes de cuidados por parte dos progenitores) contribui para a percepção mais negativa da satisfação na relação, principalmente pela influência que exerce na qualidade e quantidade de tempo despendido entre a díade (Cavanaugh & Blanchard-Fields, 2015), algo que tende a persistir mesmo numa fase mais tardia. Contudo, esta tendência associada ao decréscimo contínuo da satisfação conjugal não é irreversível, existindo indicadores de que a mesma poderá voltar a aumentar, concretamente, nos casais de meia idade e no final da vida (Conte & Lopes, 2005, citado por Silva, 2010).

Vários são os fatores que influenciam o aumento da satisfação conjugal nas relações conjugais de maior duração. Norgren e colaboradores (2004), nesta sequência, identificaram que a satisfação conjugal aumenta perante níveis superiores de proximidade, quando existem estratégias adequadas de resolução de problemas, coesão, habilidade para uma boa comunicação, se a díade estiver satisfeita com a problemática financeira e, ainda, se ambos os cônjuges forem praticantes da sua crença religiosa (de ressaltar que este último aspeto poderá relacionar-se com a nacionalidade dos participantes, provenientes do Brasil).

Por sua vez, também Miranda (1987) levou a cabo um estudo empírico que procurava compreender a inter-relação entre a satisfação conjugal e três aspetos considerados relevantes numa relação diádica, concretamente, a comunicação, a semelhança de atitudes e, ainda, a percepção interpessoal. Paralelamente, analisou também a influência de outras variáveis, tais como, a idade, a duração do casamento, a autoestima de cada membro do casal, o rendimento do agregado familiar, a escolaridade e, por fim, a existência de filhos. Os resultados obtidos indicaram a percepção interpessoal e a autoestima como as variáveis de maior importância relativa, acrescentando-se ainda a expressão de afeto, a coesão, a proximidade, a capacidade de resolução de conflitos e a habilidade de comunicação como fatores, mais uma vez, associados a uma maior satisfação conjugal.

Constituindo a necessidade de se estar com o outro algo característico da espécie humana (Machado, 2007), surgindo esta aquando o nascimento, nas primeiras interações levadas a cabo com as figuras cuidadoras, podemos avançar com a ideia de que nos constituímos através dos relacionamentos que estabelecemos. Por este motivo, é crucial investigar o modo como estes vínculos se desenvolvem, uma vez que, a par de outros elementos, influenciam o modo como o indivíduo se estabelece em relações de proximidade.



## 2. As relações de vinculação na idade adulta

O presente trabalho adota como grelha de leitura predominante a teoria da vinculação (Ainsworth, 1967; 1989; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969/91, 1973, 1980), à qual se acrescenta os contributos de algumas abordagens conceptuais que, entretanto, pretenderam aplicar os pressupostos básicos desta teoria a processos do desenvolvimento que se impõem como fundamentais na idade adulta (Bartholomew & Horowitz, 1991; Hazan & Shaver, 1987; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985).

A vinculação do indivíduo ao cônjuge surge como uma das variáveis de nível individual com impacto no funcionamento familiar (Mikulincer & Florian, 1999). Considerando o paradigma sistémico, qualquer elemento subjacente às relações familiares estão interrelacionados e, como tal, a ocorrência de mudanças num aspeto do sistema poderá repercutir-se noutros aspetos, sendo provável que uma vinculação insegura por parte de um dos membros influencie todo o sistema familiar (Mikulincer, Florian, Cowan, & Cowan, 2002). Este referencial teórico não só incorpora a perspetiva sistémica da família, como oferece uma teoria centrada nas relações íntimas que poderá ajudar a clarificar as demandas conjugais e familiares (Johnson, 2008), objeto de estudo do presente trabalho.

Explorando a obra de Bowlby podemos encontrar várias referências que sinalizam a vinculação como uma necessidade básica presente em todo e qualquer ser humano, ao longo de todo o ciclo vital, o que enfatiza assim a importância das relações de proximidade afetiva no processo de desenvolvimento, crescimento e maturação humana (Ainsworth, 1967; Bowlby, 1969/91, 1973, 1980). Ao estabelecer-se ligações emocionais de proximidade pressupõe-se como objetivo atingir a segurança necessária para a exploração do *self*, dos outros e do mundo em geral, constituindo isto uma experiência universal indispensável e transversal a toda a humanidade e que, por sua vez, influencia a qualidade da adaptação psicossocial dos indivíduos e, ainda, dos laços afetivos por eles preconizados com figuras significativas. Parafraseando, a teoria da vinculação descreve *a propensão dos seres humanos para estabelecerem fortes vínculos afetivos com determinadas pessoas*<sup>1</sup> (Bowlby, 1979, p. 127).

Quando se fala em vinculação, o período da infância é particularmente explorado. Não obstante a sua importância, interessa igualmente considerar a ideia de que estar vinculado a outrem é fundamental em qualquer fase do desenvolvimento

---

<sup>1</sup> Tradução da autora

humano. Aqui, mais uma vez, realça-se o propósito de qualquer relação de proximidade, concretamente, a satisfação de uma das necessidades mais básica da nossa espécie - a de segurança emocional (Hazan & Shaver, 1994). Considerando o processo de vinculação como uma necessidade primária que se mantém ao longo de toda a vida, depreende-se que a qualidade do laço de vinculação estabelecido entre a criança e a figura de vinculação influencia o indivíduo ao longo de todo o ciclo vital, contribuindo assim para adaptação psicossocial do ser humano ao longo do seu desenvolvimento. Tendo em conta esta ideia, Bowlby (1973) defende a tendência para acreditar na relação entre os *modelos internos dinâmicos* ou *modelos representacionais*, i.e., representações cognitivas das experiências de vinculação primárias, e a adaptação social e emocional na fase adulta (Bartholomew & Horowitz, 1991). Segundo Bowlby (1973), a construção de "modelos internos do mundo e de si mesmo, com a ajuda dos quais [se] percebe os acontecimentos, prevê o futuro, e constrói planos" (p.158) assenta na premissa de que estes modelos, elaborados precocemente pela criança, atuam como importantes linhas orientadoras na forma como os indivíduos se relacionam com o mundo e na qualidade das relações afetivas que desenvolvem ao longo da vida com figuras emocionalmente significativas.

Neste sentido, Bowlby (1973) refere que o ser humano constrói modelos do outro ou do mundo mas, também, de si, i.e., do *self*. Tendo por base estes construtos, destacam-se os trabalhos de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) na panóplia de abordagens prototípicas, que propôs um modelo bidimensional (Matos, 2002). Este modelo configura os modelos do *self* e do outro tendo em conta a positividade – modelo de si e/ou do outro positivos – e negatividade – modelo de si e/ou do outro negativos (Bartholomew & Horowitz, 1991; Matos, 2002). Num modelo de si positivo, a pessoa considera que é digna de amor e de suporte. Já num modelo positivo do outro, crê que este é confiável e disponível. No que concerne aos modelos negativos, a pessoa não se percebe como digna de amor nem de suporte (modelo de si) e/ou acredita que o outro não é capaz de satisfazer as suas necessidades, i.e., não é confiável, nem disponível (modelo do outro) (Bartholomew & Horowitz, 1991). A partir das diferentes combinações entre estas duas dimensões obtêm-se quatro padrões de vinculação distintos: o *seguro*, o *desinvestido*, o *preocupado* e o *amedrontado* (Bartholomew & Horowitz, 1991).

A expressão "from the cradle to the grave" (Bowlby, 1979, p. 129) concretiza a ideia de que os comportamentos de vinculação não são exclusivos da infância,

prolongando-se durante todo o ciclo vital. No seguimento desta última ideia apresentada, Hazan e Zeifman (1999) salientaram que as principais funções da vinculação descritas por Bowlby na infância (1969/91, 1973; 1980), concretamente segurança e proteção, mantêm-se nas relações de intimidade durante a vida adulta, funcionando geralmente o par romântico como a principal figura de vinculação (Colin, 1996; Hazan & Shaver, 1994; Weiss, 1996). Ainda que com as suas particularidades, ambas podem ser nominadas relações de vinculação (Hazan & Shaver, 1987). A maturação social e sexual, o aumento da capacidade de reconhecer as limitações dos pais e, ainda, o aumento da autoconfiança e a necessidade de independência, constituem as razões pelas quais os sujeitos procuram novas e diferentes figuras de vinculação na idade adulta (Weiss, 1996). Hazan e Zeifman (1999) concordam com esta ideia, acrescentando que a relação entre os pares envolve uma profunda interdependência tanto física como psicológica.

A forma como a relação romântica é perspectivada conta também com os contributos de Hazan e Shaver (1987), que propuseram um alargamento da teoria da vinculação de Bowlby (1969/91) às relações românticas - *vinculação romântica*. Nesta sequência, postula-se que os indivíduos, através dos modelos representacionais (sobre si e sobre os outros), que incluem expectativas, crenças e objetivos, orientam os seus pensamentos, emoções e comportamento nos respetivos relacionamentos amorosos. De ressaltar que diferentes configurações destes modelos de funcionamento interno resultam, subsequentemente, experiências interpessoais distintas (Hazan & Shaver, 1987).

Berman e Sperling (1994, p. 8) associam a vinculação do adulto à "tendência estável do indivíduo para manter a proximidade e o contacto com uma ou algumas figuras específicas, percecionadas como potenciais fontes de segurança física e/ou psicológica". Neste sentido, progressivamente, a vinculação nesta fase tem vindo a ser conceptualizada através da compreensão de duas dimensões distintas (Brennan, Clark, & Shaver, 1998): a ansiedade (associada a preocupações relacionadas com o medo de o indivíduo ser abandonado ou rejeitado - indisponibilidade do parceiro em momentos de necessidade) e o evitamento (alusivo ao desconforto com a proximidade e dependência, justificando a preocupação do indivíduo procurar manter a independência comportamental e emocional do parceiro). A combinação destas duas dimensões define, então, o estilo de vinculação de um indivíduo (Brennan et al., 1998).

A forma como os indivíduos articulam os diferentes papéis e o modo como estão vinculados ao parceiro romântico, de entre outros parâmetros, parece interferir na forma como os mesmos vivenciam o exercício da parentalidade, processo normativo no decurso da conjugalidade. Mediante isto, a próxima secção procura explorar esta complexa dimensão familiar, relacionando-a com a satisfação conjugal.

### **3. A relação entre a parentalidade e a satisfação conjugal**

A parentalidade, considerada uma das transições mais marcantes na vida de um indivíduo (Heinicke, 2002), promove grandes mudanças em todos os elementos da família e demarca, particularmente no caso de ser o primeiro filho, o início de uma nova fase do ciclo vital: a passagem da função conjugal para a parental (Menezes, 2001; Relvas, 2004). Esta transição pauta-se por um período do ciclo vital familiar em que o investimento marido-mulher é transferido para a relação pais-filhos (Magagnin et al., 2003).

Inúmeros são os estudos que exploram a relação entre a satisfação conjugal e a qualidade da relação pais-filhos, especialmente no âmbito da literatura sobre estudos da família (Grych, 2002). Através dos mesmos, surge a evidência empírica de que o conflito conjugal se associa a práticas parentais mais negativas, nomeadamente, disciplina severa, hostilidade, rejeição e decréscimo no envolvimento parental (Shelton & Harold, 2008). Por sua vez, aspetos positivos da relação conjugal contribuem para uma parentalidade caracterizada pelo afeto, responsiva e mais atenta às necessidades da criança (Kerig, Cowan, & Cowan, 1993).

A satisfação conjugal, por seu lado, também é afetada pelo exercício parental. A passagem da díade a uma tríade acarreta a necessidade de prestar os devidos cuidados à criança, reduções do tempo de lazer, mudanças nas rotinas profissionais, alterações de humor, desejo e possibilidade de intimidade, desafios financeiros e alterações ao nível do contexto social. Face a isto, a forma como o casal dá resposta às demandas características desta etapa poderá repercutir-se na sua própria estabilidade, algo considerado por vários autores como um período de crise (Lawrence, Rothman, Cobb & Bradbury, 2009; Schultz, Cowan & Cowan, 2006).

Independentemente da vivência da parentalidade constituir um período de crise ou não, a compreensão do ajustamento marital de cada casal, bem como o seu nível de satisfação com relacionamento e o modo como partilham interesses, objetivos e opiniões revela-se imprescindível (Burgess & Locke, 1953, Rice, 1993, Sabatelli, 1988,

citados por Graham, Fischer, Crawford, Fitzpatrick, & Bina, 2000). Se a satisfação conjugal e o suporte do parceiro se instituírem como aspetos positivos, o papel parental será melhor desempenhado, promovendo um desenvolvimento igualmente positivo entre a díade. Associado a isto, Jordan e colaboradores (1999, citado por Glade, Bean & Vira, 2005) sugerem o investimento em determinadas áreas como forma de os casais fortalecerem as suas relações face às demandas da parentalidade. São elas: a gestão de conflitos, expectativas, valores e crenças; compromisso; perdão; amizade e diversão; e gestão do cansaço e *stress*. Ademais, na dimensão conjugalidade, ter-se previamente à gestação uma satisfatória relação conjugal (Menezes & Lopes, 2007), ter perceções positivas em relação ao parceiro, ter vivenciado um ambiente de segurança com os próprios cuidadores (padrão de vinculação seguro), sentir-se satisfeito com a vida íntima e sexual e ter acesso a um emprego (Dessen & Braz, 2005) parecem funcionar como fatores de proteção à qualidade da relação conjugal. Se o processo de "metamorfose" inerente às alterações ao longo do tempo de vida do casal não ocorrer, pressupondo a adaptação às mudanças pessoais e familiares decorrentes de uma relação a dois, a relação conjugal torna-se inviável (Willi, 1978).

A satisfação conjugal, vista por alguns autores como o "degrau da felicidade" (Locke & Wallace, 1959, p. 252), é então considerada um importante determinante no bem-estar geral do indivíduo (Larson & Holman, 1994). Todavia, existem investigações que avançam com a hipótese de que casais com filhos jovens apresentam maior risco de se sentirem insatisfeitos com a sua relação conjugal (Goldenberg & Goldenberg, 2002), surgindo a ideia de existir um declínio geral na satisfação conjugal após o nascimento do primeiro filho (Belsky & Kelly, 1994; Cox et al., 1999; Shapiro et al., 2000).

Como vimos anteriormente, o exercício da parentalidade implica a redefinição dos anteriores padrões pessoais e diádicos de comportamento, dos hábitos e estratégias de resolução de problemas, revelando-se fundamental a necessidade de aprender e adotar novos. Por sua vez, estas mudanças interferem na interação e funcionamento dos pais o que, consequentemente, afeta o nível de satisfação experienciado na relação (Guttmann & Lazar, 2004). Esta, por seu lado, tem impacto na configuração da parentalidade, podendo contribuir para a qualidade afetiva das interações entre pais e filhos ou, pelo contrário, ditar a presença de níveis superiores de *stress* e/ou tensão relacional. Cummings e Davies (1994, citado por Cowan & Cowan, 2002) concluíram com as suas investigações que níveis superiores de tensão e conflito na relação conjugal associam-se a pais que tendem a ser menos calorosos, mais duros e menos

encorajadores no que concerne à autonomia dos seus filhos. Pelo contrário, uma relação harmoniosa e saudável promove um contexto positivo de suporte ao exercício da parentalidade, repercutindo-se num desenvolvimento psicossocial dos filhos mais adaptativo. Também Brody, Pellegrini e Sigel (1986) investigaram a associação entre a qualidade dos relacionamentos conjugais e as interações dos progenitores com os filhos em idade escolar. Concluíram que perante a existência de suporte mútuo e relações conjugais satisfatórias, a sensibilidade ao nível do papel parental era maior, comparativamente a relacionamentos cujos cônjuges se sentiam insatisfeitos. Para além disto, constataram igualmente que cônjuges mais satisfeitos tendiam a mostrar mais coerência entre si e em relação aos seus filhos. Por sua vez, Braz, Dessen e Silva (2005), ao debruçarem-se sobre a inter-relação entre o sistema parental e o conjugal, depararam-se com uma forte percentagem de cônjuges (86%) que considerava as relações conjugais como influenciadoras da relação estabelecida com os filhos, tanto de forma direta (e.g. satisfação conjugal do marido influencia o modo como se configura enquanto pai), como indireta (e.g. satisfação conjugal da esposa como fator preponderante na maneira como o papel de pai do marido se desenvolve). Posto isto, não importa apenas ter em conta a forma como os pais interagem com os filhos, mas sim explorar a qualidade da relação entre a própria díade, tendo em conta o consenso científico de que o relacionamento marital constitui um fator preponderante para a qualidade de vida das famílias (Belksy, 1981, 1984; Gottman, 1993, 1998).

A forma como a parentalidade é experienciada pode ainda diferir consoante os membros da díade, o que nos leva a focar nas diferenças de género passíveis de acontecer no domínio conjugal. Cowan e Cowan (2003) debruçaram-se sobre este assunto, destacando como resultado principal do seu estudo qualitativo o facto de as mulheres experienciarem uma queda mais acentuada na satisfação conjugal durante os primeiros momentos de vivência do exercício parental. Também Belsky e Pensky (1988), nos seus estudos, se depararam com os mesmos resultados. A literatura aponta o conflito de papéis, a restrição de liberdade e a insatisfação sexual como os principais elementos associados a este fenómeno (Twenge, Campbell & Foster, 2003). Para além disto, ainda que a literatura postule o progressivo igualitarismo no que diz respeito ao exercício parental entre a díade (Gerson, 2002) (muito em parte como resultado do aumento da participação feminina no mercado de trabalho), a verdade é que os encargos familiares continuam a revelar-se superiores no caso das mulheres (Fontaine, Andrade, Matias, Gato, & Mendonça, 2007). Estas, não só se veem envolvidas na gestão de

diferentes papéis, como passam mais tempo com os filhos e se ocupam das responsabilidades inerentes à prestação de cuidados dos mesmos (Belsky, Lang & Huston, 1986; Craig, 2006), ainda que se encontrem a trabalhar a tempo inteiro. Assim, assiste-se a um desequilíbrio na esfera familiar, algo que desagrade à figura feminina (Bernard, 2002; Dempsey, 2000, citados por Jackson, Miller, Oka, & Henry, 2014). Perante uma divisão díspar e desproporcionada das responsabilidades familiares, a mulher acaba por experienciar sentimentos de injustiça que resultam não só no aumento de conflitos entre o casal, como também numa diminuição da satisfação conjugal por parte da mesma (Stevens, Kiger, & Mannon, 2005). A figura parental, por sua vez, caracteriza-se mais pelo papel que desempenha nas atividades recreativas/interações lúdicas com a criança, comunicação com a mesma e esforços ao nível da educação, mais do que qualquer outra função de prestação de cuidados (Craig, 2006). O facto de a figura materna passar duas a três vezes mais tempo com os filhos (Baxter, 2002, citado por Stephens, 2009) não se traduz numa atitude de desinteresse por parte do parceiro. Esta ideia é corroborada pelo estudo de Milkie, Mattingly, Nomaguchi, Bianchi e Robinson (2004) ao encontrarem evidências de que os homens desejariam passar mais tempo com os seus filhos. Ademais, a forma como o homem se institui como figura parental encontra-se relacionado com a qualidade da sua relação romântica. Mais ainda, o exercício da parentalidade por parte do mesmo relaciona-se também com a perceção que tem de si enquanto figura capaz de estabelecer relações de proximidade e fornecer segurança (Dalton, Frick-Horbury & Kitzman, 2006).

#### **4. A relação entre a satisfação conjugal, o exercício da parentalidade e a vinculação ao par romântico**

Atualmente, a literatura reúne muitos estudos que estabelecem uma forte associação entre a vinculação do adulto e a satisfação conjugal (Hatch, 2008). Uma avaliação mais próxima da investigação sobre a relação entre estas variáveis revela que, de grosso modo, um padrão de vinculação seguro combinado entre a díade encontra-se relacionado com níveis superiores de satisfação marital (Banse, 2004). Pelo contrário, estilos de vinculação inseguros tendem a ter uma mais consistente e negativa associação com a satisfação conjugal, tanto nos maridos como nas esposas (Hatch, 2008).

Do ponto de vista da teoria da vinculação, a satisfação conjugal encontra-se dependente do quanto as necessidades de proximidade e base segura são efetivamente satisfeitas. Deste modo, é esperado que o nível de satisfação aumente à medida que os

parceiros se tornam fontes disponíveis e seguras de proximidade e de intimidade, capazes de fornecer apoio e segurança (Feeney, 1999; Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002). Os indivíduos mais inseguros (quer ansiosos, quer evitantes) revelam níveis inferiores de satisfação nas suas relações, sendo que a vinculação insegura constitui o melhor preditor de níveis mais baixos de satisfação conjugal (Hatch, 2008). Associado a isto, Davila, Karney e Bradbury (1999) alertam para o facto de as inseguranças de vinculação e a insatisfação conjugal se afetarem mutuamente ao longo do tempo, algo que sugere um ciclo de insegurança que progressivamente vai-se acentuando.

Embora se assista à falta de consenso científico no que diz respeito ao efeito das dimensões da vinculação na satisfação conjugal, algo a ter em consideração em investigações futuras, algumas evidências empíricas avançam com a ideia de que a satisfação conjugal dos homens é melhor predita pela ansiedade das esposas do que pelo evitamento das mesmas. Contrariamente, a satisfação conjugal feminina parece ser mais influenciada pelo evitamento dos maridos do que pelos níveis de ansiedade dos mesmos (Collins & Read, 1990; Simpson, 1990). Estes resultados podem ser explicados à luz das diferenças de género no que diz respeito às necessidades de proximidade e autonomia, consistentes com os estereótipos. Todavia, importa ressaltar algumas discrepâncias patentes na literatura. Sucintamente, alguns autores consideram que apenas o evitamento das esposas prediz a perceção da qualidade da relação nos maridos (Davila, Karney, & Bradbury, 1999), enquanto outros estudos indicam que a ansiedade dos maridos constitui o melhor preditor da insatisfação feminina (Davila, Bradbury, & Fincham, 1998). Independentemente das inconsistências ao nível das diferenças de género, Mikulincer e Shaver (2007) concluíram que a dimensão ansiedade num dos membros da díade afeta negativamente a satisfação conjugal do parceiro.

Os estilos de vinculação na idade adulta, concretamente ao par romântico, surgem igualmente como importantes preditores do exercício da parentalidade, influenciando o modo como esta é vivenciada. Assemelhando-se aos resultados expostos anteriormente no que diz respeito à satisfação conjugal, vários estudos têm colocado em evidência a relação entre indivíduos com estilos vinculativos inseguros e modelos mais negativos da parentalidade, em particular os evitantes, uma vez que revelam níveis inferiores de proximidade aos filhos e usualmente são figuras prestadoras de menor suporte (Rholes et al., 1995; 1997). Por outro lado, a segurança associada à vinculação romântica, com níveis baixos de ansiedade e evitamento,



associa-se a atitudes e comportamentos parentais mais positivos (Feeney, 2002; Rholes, Simpson, & Friedman, 2006), fomentando proximidade, afeto e harmonia nas interações familiares (Olson, 2000). Sobre isto, Vieira (2008) concluiu que a qualidade da vinculação romântica apresenta-se como um preditor significativo da forma como a parentalidade é experienciada, sugerindo que quanto mais confiantes, menos evitantes e menos ambivalentes são os pais no seu relacionamento amoroso, mais prazer, mais importância e menos *stress* parecem reconhecer no desempenho do papel parental. Salienta-se ainda que, para além dos efeitos diretos, a qualidade da vinculação ao par romântico poderá repercutir-se indiretamente no exercício da parentalidade, nomeadamente pelo efeito amenizador face a outras fontes de *stress* inerentes ao contexto familiar. Posto isto, uma relação conjugal positiva, em que os parceiros se apoiam mutuamente, contribui para o modo como os pais lidam com as demandas parentais (Grych, 2002).

No âmbito da temática da conjugalidade, Pedro (2012) levou a cabo uma investigação com o objetivo de compreender os processos subjacentes às associações entre a relação conjugal e a relação pais-filhos. A autora salienta o papel primordial da satisfação conjugal no funcionamento do sistema familiar, tendo concluído que a satisfação conjugal de ambos os elementos do casal medeia a relação entre a vinculação de cada cônjuge e a adaptabilidade/coesão familiar. Através dos seus estudos, avançou com a ideia de que uma relação conjugal satisfatória providencia recursos emocionais acrescidos e necessários para a manutenção de um ambiente familiar positivo, apoiante e afetivo, ideia previamente defendida por outros investigadores. McDonough, Carlson e Cooper (1994), associado a isto, demonstraram que uma relação conjugal apoiante relaciona-se positivamente com a relação que pais e filhos desenvolvem. Também Doohan, Carrère, Siler e Beardslee (2009) corroboraram esta ideia verificando que a qualidade do vínculo conjugal prediz a coesão e os níveis de afeto nas interações familiares.

Em síntese, parece haver um efeito direto e indireto entre a qualidade das relações de vinculação ao par romântico e a parentalidade, observando-se frequentemente a influência que a interação entre cônjuges e a satisfação conjugal exercem sob alguns aspetos do funcionamento individual: a sensação de valorização pelo cônjuge, por exemplo, pode aumentar o sentido de valor pessoal e bem-estar o que, por sua vez, poderá desencadear atitudes mais empáticas em relação aos filhos (Belsky, 1984). Deste modo, denota-se a relação entre a qualidade da relação pais-filhos e a

qualidade da relação marido-mulher, isto é, a mútua influência entre o exercício parental e a satisfação conjugal. Quando nos deparamos com casais mais satisfeitos, que para alguns autores corresponde a um indicador de felicidade, a presença de sentimentos positivos entre os membros da díade é maior. Estes, por sua vez, promovem o mútuo apoio dos elementos do casal nos seus papéis enquanto pais, atuando num sentido mais cooperante nos assuntos que dizem respeito ao exercício da parentalidade (Morril, Hines, Mahmood, & Córdova, 2010).

## **Capítulo II. Estudo empírico**

### **1. Objetivos**

O primeiro capítulo permitiu expor a ideia de que a satisfação conjugal constitui um tema de considerável interesse na literatura atual, encontrando-se este associado ao impacto que exerce no bem estar de cada casal e, ao mesmo tempo, na qualidade de vida do próprio sistema familiar. Pretendeu-se ainda enfatizar o impacto que a satisfação e a qualidade da relação a dois exerce no modo como cada membro da díade se estabelece enquanto figura parental. Para além disto, procurou-se igualmente compreender o papel que os estilos de vinculação na idade adulta, concretamente ao par amoroso, desempenham nas dimensões anteriormente apresentadas.

A literatura alusiva à combinação destas variáveis é escassa, representando isto uma lacuna ao nível da literatura que o presente estudo pretende ajudar a colmatar. Posto isto, os objetivos do presente trabalho consistem em investigar, em casais com filhos em idade pré-escolar, (a) de que modo a satisfação conjugal se relaciona com diferentes dimensões do exercício da parentalidade, (b) se a satisfação se constitui como uma variável que medeia a relação entre a vinculação ao par amoroso e o exercício da parentalidade e, por último, (c) quais os efeitos diádicos nestas associações.

### **2. Hipóteses de investigação**

Por forma a alcançar os objetivos propostos importa elaborar algumas hipóteses de investigação que nos permitam prever os resultados obtidos através das análises estatísticas, tendo em conta a revisão de literatura apresentada anteriormente.

Centrando-se o presente estudo na ideia de que casais com filhos jovens apresentam maior risco de se sentirem insatisfeitos com a sua relação conjugal (Goldenberg & Goldenberg, 2002), importa explorar o impacto desta (con)vivência no próprio funcionamento do casal. Para além disto, importa considerar de igual modo a forma como a parentalidade é experienciada consoante os membros da díade, sendo que a mesma pode diferir. Esta ideia remete-nos para as diferenças de género passíveis de acontecer no domínio conjugal, destacando-se diversos que avançam com a ideia de que as mulheres apresentam níveis inferiores nesta dimensão, comparativamente aos parceiros (Belsky & Pensky, 1988; Cowan & Cowan, 2003). Sobre isto, importa salientar que os encargos familiares, ainda que com o aumento da participação feminina

no mercado de trabalho, continuam a revelar-se superiores no caso das mulheres (Gerson, 2002), algo que suscita nas mesmas sentimentos de injustiça e, subsequentemente, aumenta os conflitos entre o casal e afeta negativamente a satisfação conjugal da mulher (Stevens, Kiger, & Mannon, 2005). Posto isto, surge como hipótese que (H1) existem diferenças entre a díade ao nível da satisfação conjugal, concretamente, espera-se que os homens revelem níveis superiores comparativamente às mulheres.

Atendendo ao facto de que, tal como defende Bowlby (1973), os indivíduos constroem modelos internos de si e do outro – positivos e/ou negativos (que influenciam a perceção do sujeito sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo) –, o modo como estes vivenciam as relações românticas será certamente distinta, isto em função dos estilos de vinculação previamente adquiridos (Hazan e Shaver, 1987; Mikulincer, 2006). Não obstante a influência que a vinculação ao par amoroso exerce nos níveis de satisfação conjugal, destacando-se as características do parceiro como fortes preditores da qualidade do relacionamento, os estilos de vinculação surgem igualmente como fatores que influenciam o exercício parental. Sobre isto, várias investigações avançam com a ideia de que indivíduos com estilos de vinculação inseguros tendem a apresentar uma orientação mais negativa quanto aos filhos (Rholes et al., 1995; 1997), ao passo que a segurança associada à vinculação relaciona-se com atitudes e comportamentos parentais mais positivos (Feeney, 2002; Rholes et al., 2006). Assim, hipotetiza-se que (H2) a vinculação ao par romântico se constitui como um preditor das dimensões associadas ao exercício da parentalidade, havendo (H2a) um efeito negativo do evitamento/ansiedade e as dimensões positivas do exercício parental (estrutura, apoio à autonomia e calor) e (H2b) um efeito positivo entre o evitamento/ansiedade e as dimensões negativas da parentalidade (caos, coerção e rejeição).

Do mesmo modo, também a satisfação conjugal se institui como um elemento explicativo na forma como o indivíduo se desenvolve enquanto figura parental. A qualidade atribuída à relação amorosa tem impacto na configuração da parentalidade, podendo contribuir positivamente para interações entre pais e filhos mais calorosas e/ou adaptativas ou, pelo contrário, ditar a presença de níveis superiores de *stress* e tensão relacional (Burgess & Locke, 1953, Rice, 1993, Sabatelli, 1988, citados por Graham et al., 2000). Corroborando esta ideia, Cowan e colaboradores (1994, citados por Cowan & Cowan, 2002) consideram que uma relação harmoniosa e saudável promove um contexto positivo de suporte ao exercício da parentalidade. Neste sentido, é esperado

igualmente (H3) uma associação entre a satisfação conjugal e as dimensões da parentalidade, especificamente, positiva quando relacionada com as dimensões estrutura, apoio à autonomia e calor (H3a) e uma negativa com as dimensões rejeição (H3b).

A literatura é escassa no que diz respeito à combinação das três variáveis em estudo, justificando assim a pertinência de explorar a relação e as influências que cada uma exerce sobre as outras. Consistindo a relação conjugal a principal fonte de apoio ao desempenho das funções parentais, é incontestável o impacto que a qualidade e a satisfação com o relacionamento exerce na interação que a díade estabelece com os seus filhos. Associado a isto, surge ainda a vinculação que, como pudemos constatar anteriormente, influencia igualmente a tipologia comportamental ao nível do exercício parental, salientando-se a influência que o estilo de vinculação de um dos parceiros poderá ter na adoção de determinada característica no que diz respeito à parentalidade. Investigações recentes propuseram-se a explorar os processos subjacentes à associação entre a relação conjugal e a relação pais-filhos, salientando-se o papel primordial da satisfação conjugal no funcionamento familiar (Pedro, 2012). Através desta ideia, e tendo em conta que uma relação conjugal satisfatória providencia recursos emocionais acrescidos para a manutenção de um ambiente familiar positivo, apoiante e afetivo (Doohan, Carrère, Siler & Beardslee, 2009; McDonough, Carlson & Cooper, 1994), espera-se que (H4) a satisfação conjugal de ambos os membros do casal medie a relação entre a vinculação romântica ao cônjuge e as dimensões do exercício da parentalidade.

### **3. Método**

#### **3.1. Participantes e Procedimento**

A amostra é constituída por 268 participantes, com pelo menos um filho em idade pré-escolar e em que ambos os elementos do casal trabalham (casais de duplo-emprego). Ressalve-se que a amostra está dividida equitativamente consoante o sexo dos participantes ( $n = 134$  homens, 50%;  $n = 134$  mulheres; 50%), e que estes formam um casal.

Os presentes dados foram recolhidos no âmbito do Projeto (RE)CONCILIAR: Impacto da Conciliação Trabalho-Família na Parentalidade e no Desenvolvimento das Crianças, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/MHC-

CED/5218/2012). Para a concretização deste projeto, vários jardins de infância (públicos e privados), pertencentes à área metropolitana do Porto, foram recrutados. Obtida a autorização dos mesmos e depois de serem explicados os objetivos do projeto aos coordenadores e educadores, estes últimos entraram em contacto com os pais que manifestaram interesse em participar no estudo. No momento seguinte, foi clarificado a estes últimos o propósito do projeto e convidou-se os mesmos a preencher um protocolo, depois de preenchido o consentimento informado. Foi garantido o carácter voluntário da participação, assim como a confidencialidade das respostas. Para além disto, foi pedido aos pais que não preenchessem os questionários em conjunto e que os devolvessem às educadoras num envelope, devidamente selado. Por último, os protocolos foram devolvidos pelas educadoras à equipa de investigação.

Os participantes têm idades compreendidas entre os 23 e os 51 anos, inclusive ( $M = 36.30$ ;  $DP = 4.23$ ). O número de filhos varia entre 1 ( $n = 68$ ; 52.7%) e 3 ( $n = 4$ ; 3.1%), perfazendo uma média de 1.50 filhos ( $DP = 0.56$ ). A maioria estão casados (84.3%), encontrando-se os restantes em união de facto (15.7%). Em média, os participantes estão casados ou em união de facto há 105.03 meses ( $DP = 45.73$ ). Em termos de habilitações académicas verifica-se que 38.1% dos participantes são licenciados, 27.6% completaram o ensino secundário (12º ano), 18.3% o ensino básico (9º ano), 4.1% possuem mestrado e apenas 1.5% da amostra possui doutoramento. Em média, os participantes do sexo feminino despendem durante a semana 10.22 horas ( $DP = 7.14$ ) de atividades conjuntas com a criança, enquanto que os participantes do sexo masculino despendem 9.44 horas ( $DP = 7.38$ ). Por sua vez, ao fim de semana, as mulheres despendem 16.85 horas ( $DP = 8.72$ ), ao passo que os homens sinalizam uma média de 16.46 horas ( $DP = 9.38$ ). Relativamente à situação profissional, todos os participantes encontram-se empregados, dividindo-se a amostra entre os que estão exclusivamente empregados (*Masculino*: 97.8%; *Feminino*: 97%) e os que trabalham e estudam ao mesmo tempo (*Masculino*: 2.2%; *Feminino*: 3%). A maioria trabalha a tempo inteiro (92.8%), – com uma média de 39.12 horas semanais ( $DP = 8.19$ ) no caso das mulheres e 42.26 horas semanais ( $DP = 10.06$ ) no caso dos homens –, com um horário de trabalho fixo (67.35%) e com contrato efetivo (72.5%).

### **3.2. Instrumentos**

Por forma a obter informações dos participantes no que diz respeito às variáveis em estudo, concretamente, vinculação ao par amoroso, satisfação conjugal e

parentalidade, a presente investigação recorreu à utilização de instrumentos de autorrelato, descritos seguidamente<sup>2</sup>.

### ***Questionário Sociodemográfico***

Através deste questionário foram recolhidos dados pessoais dos participantes, nomeadamente idade, escolaridade e estado civil. Recolheram-se, do mesmo modo, dados relativos à criança em idade pré-escolar (e.g., género, idade, ordem na fátia, saúde e desenvolvimento, tempo passado no jardim-de-infância) e relativos aos domínios trabalho e da família (e.g., situação profissional, profissão atual, número de dias/horas de trabalho semanais, horário e regime de trabalho, rendimento).

### ***ECR-RS (Experiences in Close Relationships – Relationship Structures)***

O ECR-RS (Fraley, Heffernan, Vicary & Brumbaugh, 2011; versão portuguesa adaptada por Oliveira & Costa, 2007) corresponde a uma medida de autorrelato desenvolvida para apurar as dimensões e os padrões de vinculação, tendo por base as dimensões *evitamento* ("Não me sinto confortável para desabafar/abrir-me com o meu companheiro") e *ansiedade* ("Tenho medo que o meu companheiro possa deixar-me"). Consistindo numa revisão do instrumento originalmente elaborado por Brennan, Clark e Shaver (1998), o ECR-RS é composto por 9 itens, permitindo avaliar as dimensões da vinculação em diferentes relações proximais (e.g. figuras cuidadores, parceiro romântico e pares) ou nas relações em geral. A totalidade dos itens distribuem-se pelas subescalas ansiedade (3 itens) e evitamento (6 itens), tendo-se no presente estudo solicitado aos participantes para se reportarem à relação com o par romântico.

Através de uma escala de Likert de sete pontos, é pedido aos participantes que indiquem o grau de concordância com a totalidade de itens apresentados em que (1) corresponde a "*discordo fortemente*" e (7) a "*concordo fortemente*". Analisando as respostas, os indivíduos que apresentam valores elevados na subescala de evitamento tendem a evitar a proximidade emocional e a intimidade, não se sentindo confortáveis em partilhar com o outro os seus problemas nem em depender do/a companheiro/a. Por sua vez, os indivíduos que revelam valores elevados na subescala da ansiedade apresentam uma maior preocupação com as suas relações românticas, com a possibilidade de serem abandonados e, ainda, com a proximidade com o outro. Por

---

<sup>2</sup> Os valores de alfa de Cronbach encontram-se discriminados na Tabela 1 da secção subsequente.

outras palavras, resultados mais elevados nas subescalas ansiedade e evitamento representam níveis superiores de vinculação ansiosa e evitante, respetivamente.

De referir que esta versão do ECR reúne qualidades psicométricas semelhantes às do instrumento original, nomeadamente no que concerne à consistência interna, à validade teste-reteste, assim como a validade de constructo (Wei, Russel, Mallinckrodt, & Vogel, 2007). No presente estudo, a dimensão *evitamento* apresenta um alfa de Cronbach de .743 no caso dos homens e de .750 no das mulheres. Por sua vez, a dimensão *ansiedade* apresenta um alfa de Cronbach de .830 no que diz respeito aos homens e .868 nas mulheres, traduzindo-se estes valores numa boa fiabilidade da medida utilizada.

### ***RAS (Relationship Assessment Scale)***

No âmbito do conjunto de instrumentos que permitem o contínuo estudo na área dos relacionamentos, a RAS (Hendrick, 1988; versão portuguesa adaptada por Santos, Feijão & Mesquita, 2000, revista por Lind, 2008) é considerada uma das medidas mais adequada, útil e breve na avaliação global da satisfação no âmbito de um relacionamento. Tratando-se de um instrumento unidimensional, é composto por uma totalidade de 7 itens (tendo-se utilizado no presente estudo apenas 4, e.g. "Estou satisfeito com a nossa vida a dois"). O participante pode responder num contínuo compreendido entre 1 ("discordo totalmente") e 5 ("concordo totalmente"), sendo que no presente estudo se alargou o mesmo a seis possibilidades de resposta. Este instrumento é respondido tendo como referência a relação estabelecida com o par romântico, sendo que valores mais elevados traduzem-se numa maior satisfação conjugal.

Relativamente às propriedades psicométricas, a RAS apresenta correlações moderadas a elevadas com medidas de satisfação conjugal e boas propriedades psicométricas em amostras de diversidade étnica e idade diversificada, bem como em casais. Para além disto, oferece uma boa validade teste-reteste (Vaughn & Baier, 1999). De destacar os valores do alfa de Cronbach no presente estudo, concretamente, .880 no caso dos homens e .877 no das mulheres, revelando então uma consistência interna análoga às do instrumento original (.86) (Hendrick, 1988).



### ***PASCQ (Parent as Social Context Questionnaire)***

O PASCQ (Skinner, Wellborn, & Regan, 1986; versão portuguesa adaptada por Lemos & Cadima, s/d) consiste numa medida de autorrelato que tem sido usada numa variedade de estudos sobre a parentalidade, apresentando como principais vantagens de utilização o facto de ser de breve aplicação e abranger a totalidade de dimensões subjacentes aos estilos parentais. É um instrumento que permite analisar o quanto um estilo parental promove as necessidades psicológicas da criança sendo que, para tal, recorre à avaliação das seis dimensões associadas aos estilos parentais: *calor* ("Mostro ao meu filho/ a minha filha que gosto dele/a"), *rejeição* ("Não compreendo muito bem o meu filho/ a minha filha"), *estrutura* ("Torno claro para o meu filho/a minha filha as consequências de ele/a não seguir as regras"), *caos* ("Mudo muito as regras de casa"), *apoio à autonomia* ("Encorajo o meu filho/ a minha filha a expressar as suas opiniões mesmo quando não concordo com elas") e, ainda, a *coerção* ("Para que o meu filho/ a minha filha faça alguma coisa, tenho que gritar com ele/a"). Os participantes são então incitados a responder de 1 a 4 ("*nada verdade*" e "*muito verdade*", respetivamente) a uma totalidade de 30 itens (5 para cada dimensão avaliada).

A dimensão *calor*, neste contexto, relaciona-se com a expressão de afeto, aceitação e, também, suporte emocional. A dimensão *rejeição*, pelo contrário, refere-se a pais hostis e indisponíveis na satisfação das necessidades da criança (Skinner et al., 2005). Já a dimensão *estrutura* é conceptualizada como um constructo multidimensional relacionado com a prestação de informações claras e consistentes, como regras e/ou expectativas, que permitem orientar o comportamento da criança (Grolnick & Ryan, 1989). Por sua vez, a dimensão *caos* associa-se a comportamentos parentais inconsistentes e imprevisíveis que impedem a criança de perceber que orientações seguir para atingir um resultado pretendido e esperado. O *apoio à autonomia* envolve os pais que, no momento de tomada de decisão, incluem os filhos, valorizando as suas emoções, opiniões e preferências (ibidem), algo que valoriza a perspetiva da criança e a encoraja a resolver os problemas de forma independente. Por último, a dimensão *coerção* caracteriza-se pelo recurso a técnicas disciplinares punitivas (físicas e psicológicas), por uma pressão desmedida e pela exigência de uma obediência estrita (Grolnick & Ryan, 1989).

De ressaltar que, contrariamente a outros instrumentos que se propõem a avaliar a parentalidade, o PASCQ concebe as várias dimensões anteriormente explicitadas

como constructos independentes, contrariando assim a bipolaridade historicamente associada às mesmas. Para além disto, destaca-se ainda o facto de, no presente estudo, terem sido incluídos os 8 itens acrescentados por Skinner, Johnson e Snyder (2005) com o intuito de melhorar a consistência interna do instrumento. No presente estudo, os alfas de Cronbach foram os seguintes:  $\alpha$  estrutura = .628,  $\alpha$  caos = .585,  $\alpha$  apoio à autonomia = .667,  $\alpha$  coerção = .678,  $\alpha$  calor = .722,  $\alpha$  rejeição = .681, no caso dos homens;  $\alpha$  estrutura = .704,  $\alpha$  caos = .612,  $\alpha$  apoio à autonomia = .754,  $\alpha$  coerção = .713,  $\alpha$  calor = .767,  $\alpha$  rejeição = .654, no caso das mulheres).

### Capítulo III. Apresentação de Resultados

A presente secção expõe os resultados da análise efetuada, contemplando a descrição dos testes realizados que permitiram explorar as hipóteses previamente formuladas. Primeiramente, e por forma a compreender as relações entre variáveis em estudo, procedeu-se à elaboração de correlações de *Pearson* (cf. Anexo 1). Ademais, foram assegurados os pressupostos de normalidade, através das análises relativamente à *assimetria*, *curtose*, teste *Shapiro-Wilk* e *Kolmogorov-Smirnov*.

#### 1. Diferenças intra-casais nas dimensões estudadas

De modo a averiguar possíveis diferenças entre os membros das díades no que diz respeito às variáveis em estudo, recorreu-se a um Test-T para amostras emparelhadas. Foram encontradas diferenças marginalmente significativas ao nível da *satisfação conjugal*,  $t(133) = 1.914$ ,  $p = .058$ ,  $d = 0.177$ , sendo que os homens evidenciam níveis superiores ( $M = 5.246$ ;  $DP = 0.789$ ), comparativamente às mulheres ( $M = 5.108$ ;  $DP = 0.772$ ). Do mesmo modo, também se verificam diferenças significativas entre as díades ao nível das dimensões *ansiedade*,  $t(133) = 3.195$ ,  $p = .002$ ,  $d = 0.316$ , *apoio à autonomia*,  $t(133) = -3.372$ ,  $p = .001$ ,  $d = 0.366$ , e *calor*,  $t(133) = -2.969$ ,  $p = .004$ ,  $d = 0.322$ . Enquanto que na primeira os homens ( $M = 3.005$ ;  $DP = 1.772$ ) apresentam níveis superiores quando comparados às mulheres ( $M = 2.471$ ;  $DP = 1.600$ ), nas duas últimas alusivas ao exercício da parentalidade são as mulheres quem reportam níveis superiores ( $M = 3.734$ ,  $DP = 0.357$ ;  $M = 3.536$ ,  $DP = 0.406$ ) quando confrontadas com os valores dos homens ( $M = 3.601$ ,  $DP = 0.369$ ;  $M = 3.410$ ,  $DP = 0.377$ ) (cf. Tabela 1).

Tabela 1. *Médias, desvios-padrão e valores de alfa de Cronbach nas dimensões estudadas*

Dimensões	Homens			Mulheres		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	$\alpha$	<i>M</i>	<i>DP</i>	$\alpha$
Satisfação conjugal	5.246	0.789	.880	5.108	0.772	.877
Evitamento	1.840	0.804	.743	1.717	0.834	.750
Ansiedade	3.005	1.772	.830	2.471	1.600	.868
Estrutura	3.508	0.374	.628	3.508	0.404	.704
Caos	1.856	0.488	.585	1.781	0.467	.612
Apoio à autonomia	3.601	0.369	.667	3.734	0.357	.754
Coerção	2.167	0.529	.678	2.180	0.559	.713
Calor	3.410	0.377	.660	3.536	0.406	.767

Rejeição	1.866	0.500	.681	1.827	0.472	.654
----------	-------	-------	------	-------	-------	------

Nota. n = 268.  $\alpha$  - alfa de Cronbach.

## 2. As dimensões da vinculação ao par romântico e a satisfação conjugal como preditoras das dimensões do exercício da parentalidade

Com o objetivo de explorar os fatores que explicam as dimensões do exercício da parentalidade (variáveis dependentes - VD's), testou-se o efeito preditor das dimensões da vinculação ao par romântico (*evitamento* e *ansiedade*) e da *satisfação conjugal* (variáveis independentes - VI's), cujos resultados se encontram ilustrados nas Figura 1 e 2. Para isto, realizou-se um conjunto de análises de regressão múltipla, incluindo as variáveis de ambos os membros da díade.

### 2.1. Variável dependente: estrutura

No caso dos homens, verificou-se que o presente modelo de predição se revela significativo na dimensão *estrutura* ( $p = .001$ ), explicando 15.4% da sua variância. Neste caso, destaca-se o efeito preditor significativo da *satisfação conjugal do homem* ( $\beta = .254$ ,  $p = .017$ ) sendo que, quanto maior for o nível de satisfação conjugal do homem, maior se verificará a estrutura no exercício da sua parentalidade. Por sua vez, nas mulheres, o modelo de predição utilizado constitui-se igualmente significativo para a dimensão *estrutura* ( $p = .019$ ), explicando 11.1% da variância da VD. Apenas a *ansiedade dos homens* revelou ser um preditor negativo significativo ( $\beta = -.305$ ,  $p \leq .001$ ), significando assim que quanto menor forem os valores ao nível da vinculação ansiosa no homem, maior será a presença da dimensão estrutura da mulher no exercício da parentalidade (cf. Tabela 2).

Tabela 2. *Análises de regressão múltipla: predição da dimensão estrutura*

Sexo	Preditor	F	R <sup>2</sup>	$\beta$	p
M		3.862	.154***		
	Satisfação conjugal ♂			.254	.017
	Satisfação conjugal ♀			.075	.482
	Evitamento ♂			-.134	.173
	Evitamento ♀			.046	.680
	Ansiedade ♂			-.113	.211
	Ansiedade ♀			.119	.194
F		2.648	.111*		
	Satisfação conjugal ♂			-.077	.473
	Satisfação conjugal ♀			.149	.172
	Evitamento ♂			.078	.439
	Evitamento ♀			.003	.981

Ansiedade ♂	<b>-.305</b>	.001
Ansiedade ♀	-.031	.740

Nota. n = 268. M - masculino. F - feminino.  $\beta$  - beta estandardizado. p - valor significância. \* p<.05. \*\*\*p≤.001.

## 2.2. Variável dependente: caos

No caso dos homens, verificou-se que o presente modelo de predição se revela significativo na dimensão *caos* ( $p < .001$ ), explicando 23.5% da sua variância. Neste caso, destaca-se o efeito preditor significativo da dimensão *satisfação conjugal do homem* ( $\beta = -.199$ ,  $p = .048$ ) e *ansiedade do homem* ( $\beta = .277$ ,  $p = .001$ ), revelando-se os efeitos negativo e positivo, respetivamente. Por sua vez, nas mulheres, o modelo de predição utilizado constitui-se igualmente significativo para a dimensão *caos* ( $p < .001$ ), explicando 22.1% da variância da VD. Enquanto que as dimensões *satisfação conjugal do homem* ( $\beta = .218$ ,  $p = .032$ ) e *ansiedade da mulher* ( $\beta = .213$ ,  $p = .016$ ) constituem preditores positivos significativos, a dimensão *satisfação conjugal da mulher* corresponde ao único preditor negativo significativo ( $\beta = -.371$ ,  $p < .001$ ), significando assim que quanto menor forem os valores da satisfação conjugal da mulher, maior será a presença da dimensão caos da mesma no exercício da parentalidade (cf. Tabela 3).

Tabela 3. *Análises de regressão múltipla: predição da dimensão caos*

Sexo	Preditor	F	R <sup>2</sup>	$\beta$	p
M		6.497	.235***		
	Satisfação conjugal ♂			<b>-.199</b>	.048
	Satisfação conjugal ♀			.043	.669
	Evitamento ♂			.148	.113
	Evitamento ♀			-.035	.740
	Ansiedade ♂			<b>.277</b>	.001
	Ansiedade ♀			.118	.176
F		6.018	.221***		
	Satisfação conjugal ♂			<b>.218</b>	.032
	Satisfação conjugal ♀			<b>-.371</b>	.000
	Evitamento ♂			.096	.310
	Evitamento ♀			.006	.958
	Ansiedade ♂			.112	.196
	Ansiedade ♀			<b>.213</b>	.016

Nota. n = 268. M - masculino. F - feminino.  $\beta$  - beta estandardizado. p - valor significância. \* p<.05. \*\*\*p≤.001.

## 2.3. Variável dependente: apoio à autonomia

No caso dos homens, verificou-se que o presente modelo de predição se revela significativo na dimensão *apoio à autonomia* ( $p < .001$ ), explicando 26.7% da sua variância. Neste caso, destaca-se o efeito preditor significativo da *satisfação conjugal do homem* ( $\beta = .441$ ,  $p < .001$ ), sendo que, quanto maior for o nível de satisfação

conjugal do homem, maior será o apoio à autonomia do mesmo no exercício da parentalidade. Por sua vez, nas mulheres, o modelo de predição utilizado constitui-se igualmente significativo para a dimensão *apoio à autonomia* ( $p = .020$ ), explicando 11% da variância da VD. Apenas a *ansiedade dos homens* revelou ser um preditor negativo significativo ( $\beta = -.293$ ,  $p = .002$ ), significando assim que quanto menor forem os valores ao nível da vinculação ansiosa no homem, maior será o apoio à autonomia da mulher no exercício da parentalidade (cf. Tabela 4).

Tabela 4. *Análises de regressão múltipla: predição da dimensão apoio à autonomia*

Sexo	Preditor	F	R <sup>2</sup>	$\beta$	p
M		7.700	.267***		
	Satisfação conjugal ♂			.441	.000
	Satisfação conjugal ♀			-.064	.514
	Evitamento ♂			-.162	.078
	Evitamento ♀			.078	.449
	Ansiedade ♂			-.082	.329
	Ansiedade ♀			.012	.887
F		2.612	.110*		
	Satisfação conjugal ♂			.007	.948
	Satisfação conjugal ♀			.096	.377
	Evitamento ♂			.110	.275
	Evitamento ♀			-.105	.353
	Ansiedade ♂			-.293	.002
	Ansiedade ♀			.050	.597

Nota. n = 268. M - masculino. F - feminino.  $\beta$  - beta estandardizado. p - valor significância. \*  $p < .05$ . \*\*\*  $p \leq .001$ .

#### 2.4. Variável dependente: coerção

No caso dos homens, verificou-se que o presente modelo de predição se revela significativo na dimensão *coerção* ( $p = .004$ ), explicando 13.9% da sua variância. Destaque para o efeito preditor significativo da *satisfação conjugal do homem* ( $\beta = -.258$ ,  $p = .016$ ), sendo que, quanto maior for o nível de satisfação conjugal do homem, menor será a presença da coerção do mesmo no exercício da parentalidade. Por sua vez, nas mulheres, o modelo de predição utilizado constitui-se igualmente significativo para a dimensão *coerção* ( $p = .007$ ), explicando 12.8% da variância da VD. Apenas a *satisfação conjugal da mulher* se revelou um preditor negativo significativo ( $\beta = -.227$ ,  $p = .036$ ), significando assim que quanto menor forem os valores ao nível da satisfação conjugal da mulher, maior será a coerção da mesma no exercício da parentalidade (cf. Tabela 5).

Tabela 5. *Análises de regressão múltipla: predição da dimensão coerção*

Sexo	Preditor	F	R <sup>2</sup>	$\beta$	p
M		3.414	.139*		
	Satisfação conjugal ♂			<b>-.258</b>	.016
	Satisfação conjugal ♀			.056	.604
	Evitamento ♂			.003	.973
	Evitamento ♀			.124	.266
	Ansiedade ♂			.154	.091
F	Ansiedade ♀	3.115	.128*	-.005	.964
	Satisfação conjugal ♂			-.080	.451
	Satisfação conjugal ♀			<b>-.227</b>	.036
	Evitamento ♂			-.095	.339
	Evitamento ♀			.102	.361
	Ansiedade ♂			-.089	.329
	Ansiedade ♀			.128	.170

Nota. n = 268. M - masculino. F - feminino.  $\beta$  - beta estandardizado. p - valor significância. \* p<.05. \*\*\*p≤.001.

## 2.5. Variável dependente: calor

Nos homens, constatou-se que o modelo de predição utilizado se revela significativo na dimensão *calor* ( $p < .001$ ), explicando 21.5% da variância da VD. Destaque para a dimensão *satisfação conjugal dos homens* como preditor positivo significativo ( $\beta = .264$ ,  $p = .010$ ). Assim, quanto menor se revelarem os valores na satisfação conjugal do homem, maior a presença da dimensão calor no exercício da parentalidade do mesmo). Do mesmo modo, também nas mulheres o modelo de predição em questão se revela significativo no estudo da dimensão *calor* ( $p = .005$ ), explicando 13.3% da variância da mesma. Analisando os preditores, apenas as dimensões *satisfação conjugal das mulheres* ( $\beta = .280$ ,  $p = .010$ ) e *ansiedade dos homens* ( $\beta = -.243$ ,  $p = .008$ ) se revelam significativos, no primeiro com um efeito positivo e no segundo negativo (cf. Tabela 6).

Tabela 6. *Análises de regressão múltipla: predição da dimensão calor*

Sexo	Preditor	F	R <sup>2</sup>	$\beta$	p
M		5.810	.215***		
	Satisfação conjugal ♂			<b>.264</b>	.010
	Satisfação conjugal ♀			.042	.684
	Evitamento ♂			-.164	.084
	Evitamento ♀			-.005	.962
	Ansiedade ♂			-.139	.109
F	Ansiedade ♀	3.234	.133*	-.049	.582
	Satisfação conjugal ♂			-.074	.484
	Satisfação conjugal ♀			<b>.280</b>	.010
	Evitamento ♂			.133	.181

Evitamento ♀	-.050	.657
Ansiedade ♂	<b>-.243</b>	.008
Ansiedade ♀	.062	.507

Nota. n = 268. M - masculino. F - feminino.  $\beta$  - beta estandardizado. p - valor significância. \* p<.05. \*\*\*p≤.001.

## 2.6 Variável dependente: rejeição

No que diz respeito aos homens, verificou-se que o modelo que inclui as variáveis da vinculação romântica e da satisfação conjugal prediz significativamente a dimensão *rejeição* ( $p < .001$ ), explicando 23.9% da variância da VD. As dimensões *evitamento* ( $\beta = .249$ ,  $p = .008$ ) e *ansiedade* ( $\beta = .211$ ,  $p = .014$ ) dos homens constituem preditores positivos significativos, significando assim que quanto maiores forem os valores ao nível de ambas as dimensões da vinculação romântica do homem, maior será a presença da rejeição no exercício da parentalidade. De igual forma, nas mulheres, o presente modelo de predição revelou-se também significativo relativamente à dimensão *rejeição* ( $p < .001$ ), explicando 19.3% da variância da VD. Nenhuma das VI's contribui particularmente para o efeito do modelo na VD. Todavia, alguns preditores aproximaram-se da significância estatística, concretamente, as dimensões *satisfação conjugal da mulher* ( $\beta = -.195$ ,  $p = .061$ ), *evitamento da mulher* ( $\beta = .212$ ,  $p = .051$ ) e *ansiedade do homem* ( $\beta = .161$ ,  $p = .069$ ) (cf. Tabela 7).

Tabela 7. *Análises de regressão múltipla: predição da dimensão rejeição*

Sexo	Preditor	F	R <sup>2</sup>	$\beta$	P
M		6.658	.239***		
	Satisfação conjugal ♂			-.180	.073
	Satisfação conjugal ♀			.078	.437
	Evitamento ♂			<b>.249</b>	.008
	Evitamento ♀			.078	.458
	Ansiedade ♂			<b>.211</b>	.014
	Ansiedade ♀			-.004	.964
F		5.076	.193***		
	Satisfação conjugal ♂			.079	.439
	Satisfação conjugal ♀			<b>-.195</b>	.061
	Evitamento ♂			.051	.594
	Evitamento ♀			<b>.212</b>	.051
	Ansiedade ♂			<b>.161</b>	.069
	Ansiedade ♀			.080	.373

Nota. n = 268. M - masculino. F - feminino.  $\beta$  - beta estandardizado. p - valor significância. \* p<.05. \*\*\*p≤.001.



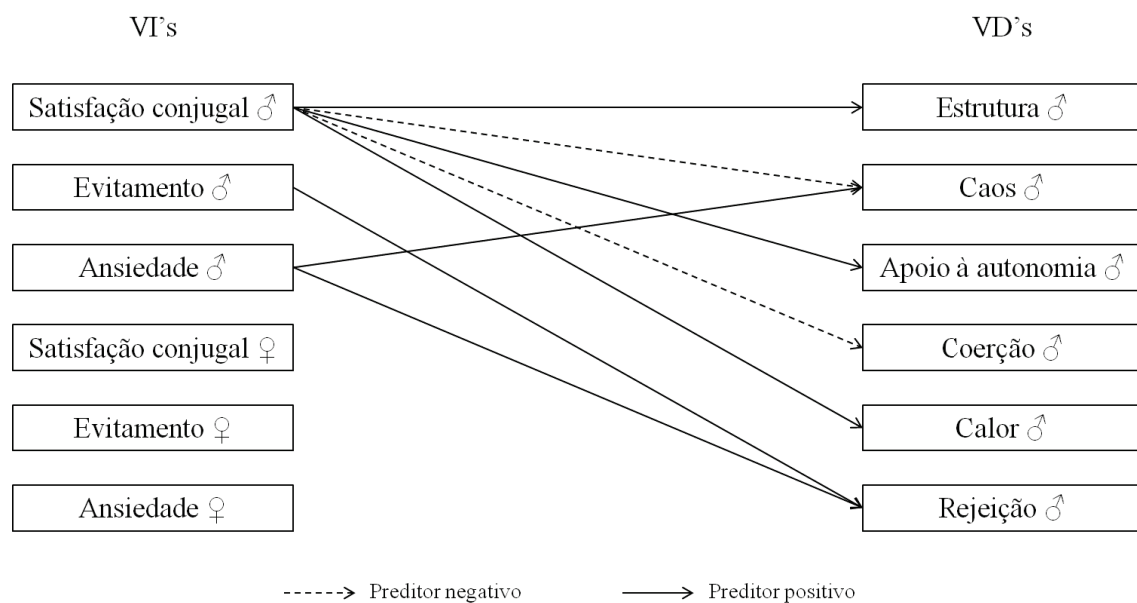


Figura 1. Representação visual dos preditores significativos das dimensões do exercício da parentalidade - homens

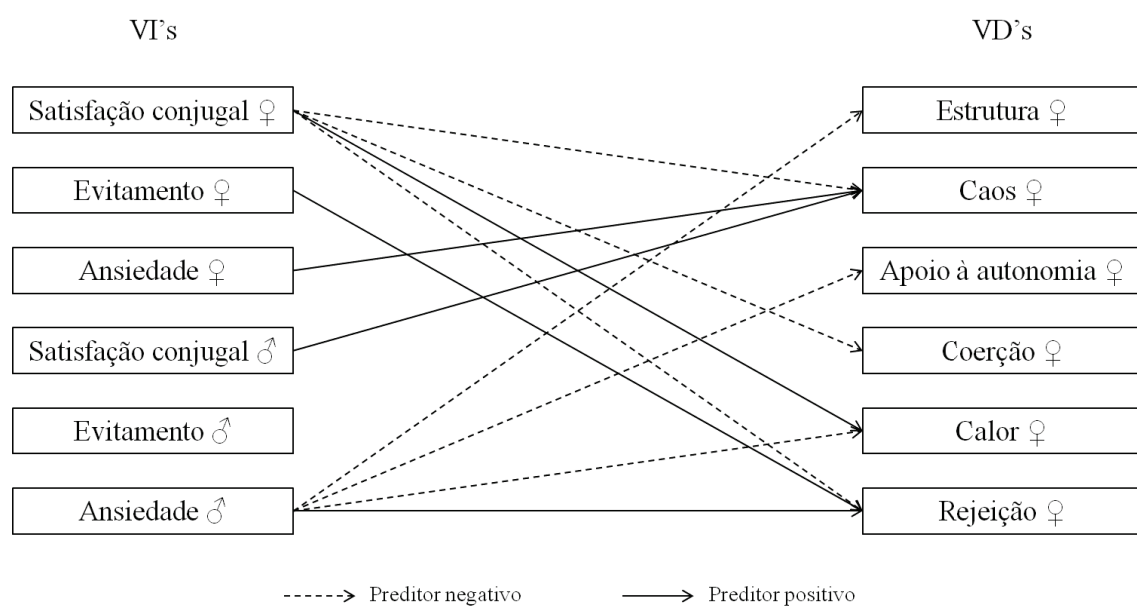


Figura 2. Representação visual dos preditores significativos das dimensões do exercício da parentalidade - mulheres

### **3. A satisfação conjugal como variável mediadora entre as dimensões da vinculação ao par romântico e do exercício da parentalidade**

Com o objetivo de testar o efeito mediador da satisfação conjugal recorreu-se aos procedimentos de Preacher e Hayes (2004), que permitem testar a mediação simples e medir o efeito indireto entre variáveis através de *bootstrapping*. Foram utilizadas 5000 reposições de amostragem para calcular o efeito indireto no Intervalo de Confiança (IC). Pretendeu-se compreender o efeito das variáveis independentes (vinculação ao par romântico - *ansiedade* e *evitamento*) sobre as variáveis dependentes (exercício da parentalidade - *calor* e *rejeição*) e testar se esta relação é afetada pela presença da variável moderadora (satisfação conjugal). Para a escolha destas análises, consideraram-se apenas as variáveis dependentes que nas análises anteriores apresentaram efeitos significativos e simultâneos de variáveis de satisfação conjugal e de vinculação.

#### ***3.1. A satisfação dela medeia a relação entre a ansiedade dele e a percepção do calor dela?***

Os resultados encontrados revelam a presença de um efeito significativo direto entre o preditor *ansiedade do homem* e a percepção de *calor da mulher*, não se verificando, no entanto, um efeito indireto significativo.

#### ***3.2. A satisfação dela medeia a relação entre a ansiedade dele e a percepção da rejeição dela?***

Do mesmo modo, na presente análise, os resultados encontrados demonstram a presença de um efeito significativo direto entre o preditor *ansiedade do homem* e a percepção de rejeição *da mulher*, não se verificando, contudo, um efeito indireto significativo.

#### ***3.3. A satisfação dela medeia a relação entre o evitamento dele e a percepção da rejeição dela?***

Contrariamente aos resultados supramencionados, a presente análise revelou que a satisfação dela medeia a relação entre o evitamento dele e a percepção de rejeição dela ( $F(1, 132) = 4.429, p = .037, R^2 = .03$ ) (cf. Tabela 8; Figura 3).

Tabela 8. *Efeitos encontrados na exploração do modelo de mediação formulado*

Efeito	B (SE)	t	Bootstrapping	
			IC 95%	
			Inferior	Superior
(a)	-.692 (.329)	-2.104*	-1.341	-.042
(b)	-.228 (.064)	-3.569***	-.354	-.102
(c)	.515 (.251)	2.050*	-.018	1.011
(c')	.358 (.245)	1.461	-.127	.842
(ab)	.157(.099)*		.025	.399

\*  $p < .05$ ; \*\*\*  $p \leq .001$

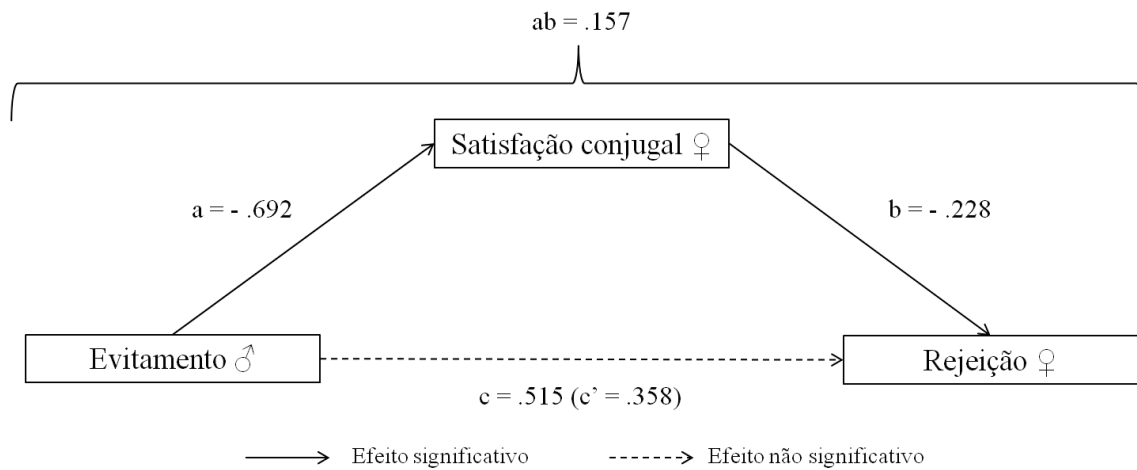


Figura 3. *Modelo de mediação completo predizendo a dimensão rejeição da mulher*

## **Capítulo IV. Discussão dos Resultados**

### **1. Discussão dos Resultados Apresentados**

A presente secção visa interpretar os resultados obtidos no capítulo transato, tendo em conta os objetivos previamente delineados, concretamente, averiguar de que modo a satisfação conjugal se relaciona com diferentes dimensões do exercício da parentalidade e se a mesma representa uma variável mediadora na relação entre a vinculação ao par amoroso e o exercício da parentalidade. Ressalva-se, neste sentido, o carácter diádico do estudo.

Primeiramente, verificou-se que homens e mulheres se diferenciam na satisfação conjugal experienciada, revelando os primeiros níveis superiores comparativamente às mulheres, ainda que a magnitude deste efeito não se tenha revelado substancial. Confirma-se, assim, (H1). Sobre isto, não obstante as mudanças socioculturais associadas à participação conjunta dos pais no exercício parental (Gerson, 2002), a literatura avança com a ideia de que a mulher continua a representar a figura parental com encargos familiares acrescidos. Ainda que com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, a figura materna não só se envolve na gestão de múltiplos papéis, como passa mais tempo com os filhos, ocupando-se maioritariamente das responsabilidades inerentes à prestação de cuidados dos mesmos (Belsky et al., 1986; Craig, 2006). Neste contexto, importa ressaltar que, na amostra do presente estudo, a diferença na quantidade de horas de trabalho entre os membros da díade varia apenas em 3 horas. Posto isto, e tendo em conta o contexto nacional, ainda que a mulher exerça a sua atividade em quase todos os setores profissionais e possua horários de trabalho e exigências semelhantes às dos parceiros, o mesmo não se reflete no domínio familiar (Fontaine, Andrade, Matias, Gato, & Mendonça 2007). Assim, na esfera familiar, a participação e divisão entre os sexos ainda não é equilibrada, sendo que as mulheres tendem a realizar mais tarefas domésticas e a assumir parte considerável das funções associadas ao cuidado dos filhos (Bernard, 2002, Dempsey, 2000, citados por Jackson, Miller, Oka, & Henry, 2014). Perante esta divisão díspar e desproporcionada, a mulher acaba por experienciar sentimentos de injustiça que resultam não só no aumento de conflitos entre o casal, como também numa diminuição da satisfação conjugal por parte da mesma (Stevens et al., 2005).

O modo como os indivíduos estão vinculados ao parceiro romântico, entre outros parâmetros, parece interferir na forma como os mesmos vivenciam o exercício da parentalidade, influenciando o modo como esta é vivenciada (Vieira, 2008). Neste sentido, indivíduos cuja vinculação se caracteriza por níveis elevados de segurança constituem-se como figuras parentais mais sensíveis e empáticas (Feeney & Collins, 2001; Millings & Walsh, 2009), bem como parceiros românticos mais responsivos e cooperantes. Os resultados do presente estudo relativos ao papel preditor da vinculação romântica nas dimensões parentais vão ao encontro de outros (Feeney, 2002; Rholes et al., 1995; 2006). Uns evidenciam a relação entre indivíduos com estilos de vinculação inseguros e modelos mais negativos da parentalidade, enquanto que outros associam baixos níveis de ansiedade e evitamento a atitudes e comportamentos parentais mais positivos.

Indo ao encontro da (H2), verificou-se uma relação negativa entre as dimensões ansiedade e evitamento e as dimensões negativas da parentalidade, do mesmo modo que se apurou uma associação positiva entre as primeiras e as dimensões positivas do exercício parental. Nas dimensões estrutura, apoio à autonomia e calor, não se verificou qualquer contributo particular da vinculação ao par romântico nos homens. O mesmo não aconteceu no caso das mulheres, em que a ansiedade dos parceiros se revelou preponderante na configuração das três dimensões positivas da parentalidade. Já diziam Berman e Sperling (1994, p.8) que a vinculação na idade adulta corresponde à "tendência estável do indivíduo para manter a proximidade e o contacto com uma ou algumas figuras específicas, percecionadas como potenciais fontes de segurança física e/ou psicológica". Neste sentido, tendo em conta a conceptualização da vinculação nesta fase, compreendida através das duas dimensões da vinculação em estudo, percebe-se a relação que níveis superiores de ansiedade no homem têm no comportamento menos positivos da mulher no contexto parental. De ressaltar o facto de a ansiedade se associar à indisponibilidade do parceiro em momentos de necessidade (Brennan et al., 1998), ajudando então a melhor compreender o efeito negativo encontrado nestas dimensões. Neste sentido, tentando compreender a interferência da ansiedade do homem na parentalidade da parceira, surge como potencial explicação o facto das exigências preconizadas pelo mesmo, por forma a garantir que a mulher responde às necessidades dele, resultam, por parte da mesma, num descuro do seu próprio papel parental. Por outro lado, o simples facto da figura paterna se focar mais em si, não constituindo totalmente uma figura disponível para com a parceira, poderá explicar o seu contributo

negativo para o exercício da parentalidade da mulher, refletido nos resultados supracitados.

Na dimensão *coerção* não se verificaram quaisquer contributos particulares da *vinculação romântica*, tanto nos homens como nas mulheres, tendo prevalecido a *satisfação conjugal do homem* como fator explicativo de níveis inferiores desta característica parental. Pelo contrário, na dimensão *caos*, a dimensão *ansiedade* assumiu um papel preponderante, tanto nos homens como nas mulheres. Enquanto que nos primeiros níveis superiores de *ansiedade* no próprio ditam a presença acrescida da dimensão *caos* no exercício da sua parentalidade, nas mulheres, quanto maiores os níveis da sua própria *ansiedade*, maiores se revelaram os valores da característica da parentalidade em questão.

Já a dimensão *rejeição* mostrou-se consistente entre homens e mulheres, sendo que ambas as dimensões da vinculação se acusaram importantes na persecução da característica parental em questão. Collins e Feeney (2010) sugerem que tanto a dimensão evitamento como *ansiedade* encontram-se associadas a níveis mais baixos na responsividade da prestação de cuidados, tornando assim compreensível que níveis mais elevados em dimensões inseguras de vinculação ao par romântico predigam igualmente valores mais altos na dimensão *rejeição* - que se caracteriza por pais hostil e indisponíveis na satisfação das necessidades da criança. Ademais, vários estudos têm colocado em evidência a relação entre indivíduos com estilos vinculativos inseguros e modelos mais negativos da parentalidade, destacando-se os evitantes. Neste sentido, a associação verificada entre níveis superiores de evitamento e a dimensão *rejeição* relaciona-se com os postulados de vários autores que consideram que os indivíduos evitantes não só revelam níveis inferiores de proximidade aos filhos, como usualmente lhes prestam menor suporte (Rholes et al., 1995; 1997).

Também se explorou a hipótese de que a satisfação conjugal constitui um elemento preditivo da forma como cada membro da díade se preconiza enquanto figura parental. Não obstante o valor explicativo das dimensões da vinculação romântica, a qualidade da relação conjugal, bem como a satisfação com a mesma, apresentam um impacto, por si, só no funcionamento familiar (Cox & Paley, 1997).

De facto, a literatura postula que a satisfação conjugal ocupa um papel de destaque no bem-estar do indivíduo e do próprio sistema familiar (Bradbury et al., 2000; Larson & Holman, 1994). Ora isto torna compreensível o impacto que níveis mais elevados ou baixos nesta dimensão terão no modo como a díade exerce o seu papel

enquanto figura cuidadora. Neste seguimento, evidências empíricas apontam a associação entre o conflito conjugal e práticas parentais mais negativas (Shelton & Harold, 2008). Por seu lado, uma relação conjugal positiva, caracterizada por níveis consideráveis de satisfação e estabilidade, contribui para uma parentalidade caracterizada pelo afeto, responsividade e uma resposta mais atenta às necessidades da criança (Kerig et al., 1993), algo que se traduz num melhor desempenho parental.

Tanto nos homens como nas mulheres encontraram-se efeitos positivos entre a satisfação conjugal e as dimensões positivas da parentalidade, bem como efeitos negativos entre a satisfação conjugal e as dimensões negativas da parentalidade, indo ao encontro da (H3). Nesta sequência, destaque para três dimensões da parentalidade cuja satisfação conjugal do próprio indivíduo se associou de forma consonante entre homens e mulheres, concretamente, a dimensão caos, coerção e calor. Como seria de esperar, dada a ideia de que o nível de satisfação experienciado na relação tem impacto na configuração da parentalidade (Guttmann & Lazar, 2004), as dimensões negativas da mesma foram significativamente preditas por níveis inferiores de satisfação, algo que inversamente se verificou na dimensão positiva. Ademais, verificou-se ainda que, no caso dos homens, a dimensão satisfação conjugal apresentou uma associação com a forma como configuram determinada característica parental, em comparação à figura feminina. Assim, enquanto que nas mulheres as dimensões da vinculação tiveram um maior peso no modo como as mesmas preconizam as dimensões estrutura e apoio à autonomia, nos homens a satisfação conjugal do próprio constituiu o elemento predominante. A propósito disto, a literatura postula que quanto mais satisfeito é um pai com a sua relação conjugal, maior a probabilidade de investir na relação com o seu filho. Lee e Doherty (2007) referem que quando a figura paterna se encontra satisfeita com o seu casamento tende a despende mais tempo interagindo ativamente com o seu filho, não só por forma a cumprir o seu papel parental, mas também com o objetivo de constituir uma figura afetuosa e companheira para com a parceira. Assim, depreende-se que quanto mais satisfeito com a relação o homem se sentir, maior a probabilidade de se assistir a uma parceria equitativa entre a díade, algo que beneficiará ambos os elementos, atuando no sentido de reverter a divisão díspar descrita na literatura ao nível do sistema familiar e, conseqüentemente, igualar os níveis de satisfação conjugal intra-casal.

Confirma-se, assim, parcialmente, a (H3). Parece poder afirmar-se que a satisfação conjugal tem um papel importante no modo como os indivíduos exercem o

seu papel parental, ideia bem assente na literatura (Belsy, 1981, 1984; Braz et al., 2005; Brody et al., 1986; Cummings & Davies, 1994, citado por Cowan & Cowan, 2002; Gottman, 1993, 1998; Kerig et al., 1993; Shelton & Harold, 2008). Todavia, contrariamente ao esperado, a satisfação conjugal não revelou um contributo particular em todas as dimensões da parentalidade, quer no homem quer na mulher, destacando-se neste ponto a dimensão rejeição, cuja explicação se revelou mais dependente das dimensões evitamento e ansiedade. Sobre isto, poderá avançar-se com a ideia de que esta dimensão da parentalidade, mais estrutural, poderá encontrar-se mais dependente de outras estruturas organizativas, como a vinculação, justificando assim a ideia anteriormente explicitada.

Refletindo ainda nos resultados previamente discutidos, curioso observar que as dimensões da parentalidade do homem são exclusivamente preditas por dimensões (quer da satisfação conjugal quer da vinculação) do próprio, contrariamente à figura feminina, cujo exercício parental tanto se revela afetado pelas suas próprias dimensões, como pelas do parceiro. Assim, em futuras investigações poderá constituir um tópico de interesse explorar, em termos diádicos, a magnitude da influência (mútua ou não) das dimensões em estudo, sendo que os estereótipos sociais poderão representar a justificação para o facto do comportamento da mulher se deixar mais facilmente afetar pelo do parceiro, do que o contrário.

Por fim, verificou-se ser possível corroborar a (H4) relativa ao papel mediador da *satisfação conjugal* na relação entre a *vinculação ao par amoroso* e o *exercício da parentalidade*. Sobre isto, encontraram-se resultados que configuram a satisfação conjugal da mulher como variável mediadora entre o evitamento do parceiro e a perceção da rejeição dela.

O papel mediador da satisfação conjugal pauta-se pela forma como facilita interações mais calorosas, harmoniosas e próximas entre os membros da família (Olson, 2000). Por outras palavras, associada ao facto de constituir uma fonte de felicidade pessoal (Bystronski, 1992; 1995; Locke & Wallace, 1959), a satisfação conjugal encontra-se associada a um melhor funcionamento familiar (Cowan, Cowan, Schultz, & Heming, 1994; Lindahl & Malik, 2011). Por seu lado, também a vinculação romântica constitui um fator que influencia o funcionamento familiar, particularmente, a coesão e adaptação deste sistema (Mikulincer & Florian, 1999). Posto isto, como tem vindo a ser conceptualizado, se a vinculação na idade adulta afeta o relacionamento conjugal, é provável que as dificuldades sentidas na relação entre estas dimensões afetem, por sua



vez, toda a família (Mikulincer et al., 2002) e o modo como os indivíduos atuam na mesma.

Por forma ainda a articular as dimensões da vinculação e as teorias subjacentes ao sistema familiar, tem sido proposto que, consoante o estilo de vinculação ao par amoroso, as características relacionais e cognitivas do indivíduo variam, podendo influenciar o comportamento do mesmo no domínio familiar (Mikulincer & Florian, 1999). Especificando a dimensão evitamento, que se revelou dominante no modo como a rejeição é preconizada, importa considerar que pessoas que se caracterizam por esta dimensão tendem a evitar a proximidade e a interdependência, resultando na manutenção do distanciamento nas suas relações interpessoais (Collins & Read, 1994). Ao encontro disto, e constituindo o evitamento do homem um preditor na perceção de rejeição da esposa, importa considerar que a figura masculina na díade que se caracteriza como evitante tende a não funcionar como base segura para a parceira. Associado a isto, surge a ideia de que os cônjuges evitantes reportam níveis inferiores na capacidade de adaptação ao contexto familiar, caracterizando-se por níveis superiores de hostilidade e, ainda, indisponibilidade na satisfação das necessidades da criança (Skinner et al., 2005). Posto isto, torna-se compreensível que níveis mais elevados de evitamento sejam preditores de atitudes menos calorosas e afetivas, justificando assim a relação entre uma vinculação insegura e comportamentos parentais mais negativos.

O resultado da mediação explorado neste estudo vai ao encontro do facto de as relações conjugais hoje em dia afetarem diretamente a qualidade das relações que o casal mantém com os seus filhos. Estas, por sua vez, através de um jogo de influências mútuas, acabam igualmente por afetar a dinâmica de relacionamento do casal (Braz et al., 2005; Erel & Burman, 1995; Villas-Boas, Dessen, & Melchiori, 2010), justificando assim a importância de se continuar a explorar a combinação destas variáveis. Neste sentido, acrescenta-se ainda que os sentimentos românticos face ao parceiro, a vinculação à figura da díade e a própria satisfação com o relacionamento em geral, como pudemos verificar, atuam na manutenção da qualidade da relação entre o casal e no seu próprio bem-estar (Quinlan & Quinlan, 2007), algo que se repercute inevitavelmente no funcionamento do contexto familiar.

## **2. Limitações e Pistas para Investigações Futuras**

O presente estudo propôs a expansão dos conhecimentos sobre o fenómeno da satisfação conjugal e compreender o seu impacto no exercício da parentalidade, em homens e mulheres portugueses, pertencentes a famílias de duplo-emprego, com pelo menos um filho em idade pré-escolar. A este objetivo incluíram-se as dimensões da vinculação ao par amoroso, dada a escassez de estudos que abordem estas questões. Salientam-se algumas potencialidades do presente estudo, como o facto de ter em conta uma abordagem sistémica; estudar a satisfação conjugal, como tema de atual destaque na literatura e analisar homens e mulheres, assim como diferenças e similitudes entre eles, sob um ponto de vista diádico; e estudar a relação entre três variáveis pouco estudadas em conjunto. Todavia, como qualquer estudo e/ou investigação, este trabalho possui diversas limitações que devem ser tidas em conta na generalização dos resultados.

Primeiramente, considera-se que uma amostra mais diversificada, que contemplasse outras configurações familiares (e.g., homoparentais, reconstituídas), traria importantes contributos para a compreensão do fenómeno da satisfação conjugal e respetivo impacto na parentalidade, permitindo generalizar os resultados a uma percentagem mais vasta da população. Para além disto, também o facto de só terem sido utilizados instrumentos de autorrelato constitui uma limitação, algo que, em futuras investigações, deve ser colmatado através da inclusão de dados qualitativos (e.g., entrevistas e/ou observações). Deverá ainda ser salientada a baixa consistência interna das dimensões alusivas à parentalidade, a qual poderá ter comprometido as conclusões relativas ao exercício parental entre os membros da díade. Ademais, o presente estudo, apesar de ter em conta a bidirecionalidade da satisfação conjugal e parentalidade, foca-se no impacto destas variáveis no domínio familiar (especialmente no contexto da relação diádica), não contemplando os efeitos destas dimensões no âmbito profissional (e.g. satisfação profissional), algo que deverá ser tido em conta em futuras investigações. Por último, ressalva-se a natureza transversal dos dados, facto que impede a identificação da direcionalidade dos efeitos. O recurso a investigações mais complexas, com variáveis intervenientes manipuladas num desenho experimental, possibilitaria inferências de causalidade (MacKinnon, Lockwood, Hoffman, West, & Sheets, 2002).

Para findar, reportam-se as implicações da presente investigação. Partindo-se do pressuposto de que a satisfação conjugal é um aspeto central no bem-estar do indivíduo (tendo implicações ao nível da saúde mental, física e vida profissional) (Larson & Holman, 1994), ressalva-se a importância de uma progressiva sensibilização no que diz respeito à manutenção da qualidade da relação a dois. Para isto, parece pertinente o investimento em determinadas competências facilitadoras da mesma, concretamente, aspetos relacionados com a comunicação e estratégias de resolução de conflitos. Ademais, salienta-se igualmente o impacto da satisfação conjugal no próprio funcionamento do sistema familiar (Bradbury et al., 2000). Sabendo-se previamente que o *modus operandi* dos progenitores, influenciado pela qualidade da relação conjugal, tem também implicações diretas na adaptação psicossocial da criança, salienta-se mais uma vez a premência de investir e promover a estabilidade no domínio conjugal.

É ainda fundamental que os investigadores considerem, no âmbito dos seus estudos, a influência e a interdependência entre os membros familiares, nos diferentes papéis que desempenham (de esposa e mãe, de marido e pai), e também entre os subsistemas familiar, conjugal e parental. Para tal, a complexidade de tais influências e respetivas consequências para o desenvolvimento infantil e respetiva adaptação psicossocial devem ser tidas em conta, promovendo isto o avanço do conhecimento científico relativo às relações familiares. Ainda sobre isto, do ponto de vista clínico, as diligências no sentido de melhorar a qualidade das relações parentais podem ser acentuadas se forem contempladas as dificuldades inerentes à conjugalidade.

Aos profissionais da área da psicologia, espera-se que o presente estudo tenha contribuído para uma maior compreensão daquilo que é a realidade portuguesa e de que modo a nossa população experiencia a conjugalidade e a parentalidade. Para além disto, surge ainda a expectativa de que este constitua igualmente um incentivo a futuros e atuais investigadores para continuarem a contribuir no sentido de aprofundar e compreender os fenómenos aqui debatidos e explorados.

## Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- Banase, R. (2004). Adult attachment and marital satisfaction: Evidence for dyadic configuration effects. *Journal of Social and Personal Relationships* 21(2), 273-282. doi:10.1177/0265407504041388
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178. doi:10.1177/0265407590072001
- Belsky, J. (1981). Early human experience: A family perspective. *Developmental Psychology*, 17, 3-23.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Belsky, J., & Kelly, J. (1994). *The transition to parenthood: How the first child changes a marriage. Why some couples grow closer and others apart*. New York: Dell.
- Belsky, J., & Pensky, E. (1988). Marital change across the transition to parenthood. *Marriage and Family Review*, 12, 133-15.
- Belsky, J., Lang, M. & Huston, T. L. (1986). Sex typing and division of labor as determinants of marital change across the transition to parenthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 517-522.
- Berman, W., & Sperling, M. (1994). The structure and function of adult attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Clinical and developmental perspectives* (pp. 3-28). New York: The Guilford Press.
- Bolze, S. D. A., Schmidt, B., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2013). Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais. *Atualidades em Psicologia*, 27(114), 71-85. doi:10.15517/ap.v27i114.4828
- Bowlby, J. (1969/91). *Attachment and loss, Vol.1: Attachment*. Londres: Hogarth Press (1ª Edição 1969).
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss, Vol.2: Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.

- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. New York: Brunner-Routledge.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss, Vol.3: Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bradbury, T. N., Finchman, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: a decade in review. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 964-980. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.00964.x
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. (2005). Relações Conjugais e Parentais: Uma Comparação entre Famílias de Classes Sociais Baixa e Média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161. doi:10.1590/S0102-79722005000200002
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Brody, G. H., Pellegrini, A. D. & Sigel, I. E. (1986). Marital quality and mother-child and father-child interactions with school-aged children. *Developmental Psychology*, 22, 291-296. doi:10.1037/0012-1649.22.3.291
- Bystronski, B. (1992). *A liberação dos costumes e suas consequências sobre os relacionamentos amorosos heterossexuais*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Bystronski, B. (1995). Teorias e processos psicossociais da intimidade interpessoal. In A. Rodrigues, *Psicologia social para principiantes: Estudo da interação humana* (pp. 86-126). Petrópolis: Vozes.
- Cavanaugh, J. C., & Blanchard-Fields, F. (2015). *Adult development and aging* (7th Edt). Cengage Learning, USA.
- Colin, V. (1996). *Human attachment*. New York: McGraw-Hill Companies.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. doi:10.1037/0022-3514.58.4.644
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships: Vol. 5. Attachment processes in adulthood* (pp. 53-90). London: Jessica Kingsley.
- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Asa.
- Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2003). *When partners become parents: The big life change for couples*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum.
- Cowan, P. A., Cowan, C. P., Schultz, M. S., & Heming, G. (1994). Prebirth to preschool family factors in children's adaptation to kindergarten. In R. D. Parke & S. G. Kellam (Eds.), *Exploring family relationships with other social contexts*.

- Family research consortium: Advances in family research* (pp. 75–114). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Cowan, P., & Cowan, C. (2002). What an intervention design reveals about how parents affect their children's academic achievement and behaviour problems. In Borkowski, Ramey & Bristol - Power (Eds.). *Parenting at the child's world: influences on academic, intellectual, and social - emotional development*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers
- Cox M., Paley B., Burchinal, M., & Payne, C. (1999). Marital perceptions and interactions across the transition to parenthood. *Journal of Marriage & Family*, 61(3), 611–625.
- Cox, M., & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annual Review of Psychology*, 48, 243-267.
- Craig, L. (2006). Does father care mean fathers share? A comparison of how mothers and fathers in intact families spend time with children. *Gender & Society*, 20(2), 259-281. doi:10.1177/0891243205285212
- Dalton, W., Frick-Horbury, D., & Kitzmann, K. (2006). Young adult's retrospective reports of parenting by mothers and fathers: Associations with current relationship quality. *Journal of General Psychology*, 133(1), 5-18. doi:10.3200/GENP.133.1.5-18
- Davila, J., Bradbury, T. N., & Fincham, F. (1998). Negative affectivity as a mediator of the association between adult attachment and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 5, 467-484. doi:10.1111/j.1475-6811.1998.tb00183.x
- Davila, J., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1999). Attachment change processes in the early years of marriage. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(5), 783-802.
- Dela Coleta, M. F. (1989). *Locus de controle e satisfação conjugal*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de Brasília. Brasília.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). Intervenção precoce e família: Contribuições do modelo bioecológico de Bronfenbrenner. In M. A. Dessen & A. L. Costa Junior, *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 152-167). Porto Alegre: Artmed.
- Doohan, E. M., Carrère, S., Siler, C., & Beardslee, C. (2009). The link between marital bond and future triadic interactions. *Journal of Marriage and the Family*, 71(4), 892-904. doi: 10.1111/j.1741-3737.2009.00642.x
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118(1), 108-132.
- Falcke, D., Diehl, J.A., Wagner (org.) (2000). *A família em cena: Tramas e transformações*. Petropolis, RJ: Vozes.

- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2001). Predictors of caregiving in adult intimate relationships: An attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80, 972-994. doi: 10.1037/0022-3514.80.6.972
- Feeney, J. A. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In Cassidy, J. & Shaver, P. R. (Ed.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 355-377). New York: The Guilford Press.
- Feeney, J. A. (2002). Early parenting and parental attachment: Links with offspring's attachment and perceptions of social support. *Journal of Family Studies*, 8, 5-23. doi:10.5172/jfs.8.1.5
- Fincham, F.D., & Beach, S.R.H. (2010). Marriage in the new millennium: A decade in review. *Journal of Marriage & Family*, 72(3), 630-649. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00722.x
- Fontaine, A. M., Andrade, C., Matias, M., Gato, J., & Mendonça, M. (2007). Family and work division in dual earner families in Portugal. In I. Crespi (Ed), *Gender mainstreaming and family policy in Europe: perspectives, research and debates* (pp. 167-198). Macerata: EUM.
- Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The experiences in close relationships - relationship structures questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, 23, 615-625. doi:10.1037/a0022898
- Garcia, A. L. & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143-156.
- Gerson, K. (2002). Moral Dilemmas, moral strategies, and the transformation of gender: Lessons from two generations of work and family change. *Gender & Society*, 16(1), 8
- Glade, A., Bean, R., & Vira, R. (2005). A prime time for marital/ relational intervention: a review of the transition to parenthood literature with treatment recommendations. *The American Journal of Family Therapy*, 33, 319-336. doi:10.1080/01926180590962138
- Goldenberg, H. & Goldenberg, I. (2002). *Counselling today's families* (4th Edt). Wadsworth Group, Florence, KY.
- Gottman, J. M. (1993). The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: A longitudinal view of five types of couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61, 6-15. doi:10.1037/0022-006X.61.1.6
- Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology*, 49, 169-197.
- Gottman, J., & Silver, N. (2000). *Sete princípios para o casamento dar certo*. Rio de Janeiro: Objetiva.

- Graham, C. W., Fischer, J. L., Crawford, D., Fitzpatrick, J., & Bina, K. (2000). Parental status, social support, and marital adjustment. *Journal of Family Issues*, 21(7), 888-905. doi:10.1177/019251300021007004
- Gray-Little, B. & Burks, N. (1983). Power and satisfaction in marriage: A review and critique. *Psychological Bulletin*, 93, 513-538. doi:10.1037/0033-2909.93.3.513
- Grolnick, W. S., & Ryan, R. M. (1989). Parent styles associated with children's self-regulation and competence: A social contextual perspective. *Journal of Educational Psychology*, 81, 143-154.
- Grych, J. H. (2002). Marital relationships and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 3, pp. 203-225). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Guttmann, J. & Lazar, A. (2004). Criteria for marital satisfaction: does having a child make a difference? *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 22(3), 147-155. doi:10.1080/026468304 10001723733
- Hatch, D. L. (2008). *Factors that influence the association between adult attachment and marital satisfaction*. Dissertação de Doutorado. Utah: Utah State University.
- Hazan, C. & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Hazan, C. & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.
- Hazan, C. & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (pp. 336-354). New York: The Guilford Press.
- Heinicke, C. M. (2002). Becoming and being a parent: The transition to parenting. In M. H. Bornstein (2nd ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 3, pp. 363-388). New Jersey: Erlbaum Associates.
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and Family*, 50, 93-98.
- Hicks, M., & Platt, M. (1970). Marital happiness and stability: A review of research in the 60's. *Journal of Marriage and the Family*, 32, 553-574.
- Impett, E. A., Gordon, A. M., Kogan, A., Oveis, C., Gable, S. L. & Keltner, D. (2010). Moving toward more perfect unions: Daily and long-term consequences of approach and avoidance goals in romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99(6), 948-963. doi:10.1037/a0020271
- Jackson, J. B., Miller, R. B., Oka, M., & Henry, R. G. (2014). Gender differences in marital satisfaction: A meta-analysis. *Journal of Marriage and Family*, 76, 105 - 129. doi:10.1111/jomf.12077



- Johnson, S. M. (2008). Couple and family therapy: An attachment therapy. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed, pp. 811-829). New York: Guilford Press.
- Kerig, P. K., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (1993). Marital quality and gender differences in parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 29(6), 931-939.
- Larson, J. H., & Holman, T. B. (1994). Premarital predictors of marital quality and stability. *Family Relations*, 43, 228-237.
- Lawrence, E., Rothman, A., Cobb, R.J., & Bradbury, T.N. (2009). Marital satisfaction across the transition to parenthood: Three eras of research. In R. Parke, M. Schulz, M. Kline Pruett, & P. Kerig (Eds.), *Feathering the nest: Couple relationships and interventions that promote healthy child development* (pp. 97-114). APA: Washington, DC. doi:10.1037/12058-007
- Lee, C., & Doherty, W. (2007). Marital satisfaction and father involvement during the transition to parenthood. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 5, 75-98. doi:10.3149/fth.0502.75
- Lemos, M. S., & Cadima, J. (sem data). *Versão portuguesa do Parents as Social Context Questionnaire (PASCQ) – Parent-Report* (Skinner, Wellborn & Regan, 1986). Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Lind, W. R. (2008). *Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Lindahl, K. M., & Malik, N. M. (2011). Marital conflict typology and children's appraisals: The moderating role of family cohesion. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 194-201. doi:10.1037/a0022888
- Locke, H. J., & Wallace, K. M. (1959). Short marital adjustment prediction tests: Their reliability and validity. *Marriage and Family Living*, 21, 251-255.
- Machado, L. M. (2007). *Satisfação e insatisfação no casamento: Os dois lados de uma mesma moeda?* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., Hoffman, J. M., West, S. G., & Sheets, V. (2002). A comparison of methods to test mediation and other intervening variable effects. *Psychological Methods*, 7(1), 83-104.
- Magagnin, C., Körbes, J. M., Hernandez, J. A., Cafruni, S., Rodrigues, M. T. & Zarpelon, M. (2003). *From Conjugality to Parenthood: Pregnancy, Adjustment and Marital Satisfaction*. *Aletheia*, 17-18, 41-52.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, 66-104.

- Matos, P. M. (2002). (Des)Continuidades na vinculação aos pais. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Porto, Porto.
- McDonough, M. L., Carlson, C., & Cooper, C. R. (1994). Individuated marital relationships and the regulation of affect in families of early adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 9(1), 67-87.
- McNamara, M. L. L., & Bahr, H. M. (1980). The dimensionality of marital role satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 42(1), 45-55.
- Mendes, I. M. (2007). *Ajustamento materno e paterno: experiências vivenciadas pelos pais no pós-parto*. Tese de doutoramento, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Menezes, C. C. (2001). *A relação conjugal na transição para a parentalidade: Da gestação ao segundo ano de vida do bebê*. Dissertação não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: Gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, 12(1), 83-93.
- Mikulincer, M. & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in Adulthood: structure, dynamics, and change*. New York: The Guilford Press.
- Mikulincer, M. (2006). Attachment, caregiving, and sex within romantic relationships. A behavioral systems perspective. In Mikulincer, M. & Goodman, G. (Ed.), *Dynamics of romantic love* (pp. 23-44). The Guilford Press: New York.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1999). The association between spouse's self-reports of attachment styles and representations of family dynamics. *Family Process*, 38, 69-83.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: A systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, 41(3), 405-434.
- Milkie, M., Mattingly, M., Nomaguchi, K., Bianchi, S., & Robinson, J. (2004). The time squeeze: Parental statuses and feelings about time with children. *Journal of Marriage and Family*, 66(3), 739-761. doi:10.1111/j.0022-2445.2004.00050.x
- Millings, A. & Walsh, J. (2009) A dyadic exploration of attachment and caregiving in long-term couples. *Personal Relationships*, 16, 437-453. doi:10.1111/j.1475-6811.2009.01232.x
- Miranda, E. S. (1987). Satisfação conjugal e aspectos relacionados: A influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 39(3), 96-107.
- Morrill, M., Hines, D., Mahmood, S., & Córdova, J. V. (2010). Pathways between marriage and parenting for wives and husbands: The role of coparenting. *Family Process*, 49(1), 59-73. doi:10.1111/j.1545-5300.2010.01308.x

- Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325. doi:10.1590/S0103-863X2006000300003
- Narciso, I. & Costa, M. E. (2002). Percursos de mudança na qualidade conjugal: Fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17/18, 197-214.
- Neto, O. (2005). Conjugalidade: Proposta de um modelo construcionista social para terapia de casal. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584. doi:10.1590/S1413-294X2004000300020
- Oliveira, J. M., & Costa, M. E. (2007). *Experiences in Close Relationships – ECR. Versão para português*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Oliveira, J. S. (2005). *Desenvolvimento Psicossocial e Estilos de Vinculação: Convergência e Divergência de Percepções de Satisfação na Família*. Tese de Doutorado em Psicologia. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Oliveira, M. G. S., Falcone, E. M. O., & Ribas Jr., R. C. (2009). A avaliação das relações entre a empatia e a satisfação conjugal: Um estudo preliminar. *Interação em Psicologia*, 13(2), 287-298.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Pedro, M. M. F. (2012). *Relação conjugal e relação pais-filhos: Estudo de variáveis mediadoras e moderadoras*. Tese de Doutorado em Psicologia. Lisboa: Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Perlin, G. D. B. (2006). Casamentos contemporâneos: Um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade de Brasília, Brasília.
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effects in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments, and Computers*, 36, 717-731.
- Quinlan, R. J., & Quinlan, M. B. (2007). Evolutionary ecology of human pair-bonds: Cross-cultural tests of alternative hypotheses. *Cross-Cultural Research*, 41, 149-169.
- Relvas, A. P. (2004). *O ciclo vital da família: Perspetiva sistémica* (3a ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Blakely, B. (1995). Adult attachment styles and mothers' relationships with their young children. *Personal Relationships*, 2, 35-54. doi:10.1111/j.1475-6811.1995.tb00076.x

- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Friedman, M. (2006). Avoidant attachment and the experience of parenting. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, 275-285.
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., Blakely, B. S., Lanigan, L., & Allen, E. A. (1997). Adult attachment styles, the desire to have children, and working models of parenthood. *Journal of Personality*, 65, 357-385.
- Santos, M. J., Feijão, M. T., & Mesquita, R. (2000). *Relações entre estilos de vinculação, estilos de resolução de conflito e satisfação nas relações amorosas em mulheres com um relacionamento heterossexual*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Schulz, M. S., Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2006). Promoting healthy beginnings: A randomized controlled trial of a preventive intervention to preserve marital quality during the transition to parenthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 74(1), 20-31. doi:10.1037/0022-006X.74.1.20
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2010). Satisfação conjugal: Revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531. doi:10.1590/S0102-37722010000300015
- Shapiro, A.F., Gottman, J.K., & Carrere, S. (2000). The baby and the marriage: Identifying factors that buffer against decline in marital satisfaction after the first baby arrives. *Journal of Family Psychology*, 14, 59-70.
- Shelton, K. H., & Harold, G.T. (2008). Interparental conflict, negative parenting and children's adjustment: Bridging links between parents' psychological symptoms and children's psychological symptoms. *Journal of Family Psychology*, 22(5), 712-724. doi:10.1037/a0013515
- Silva, C. M. (2010). *Da conjugalidade à individualidade: percepção de satisfação conjugal e bem-estar psicológico em indivíduos com relacionamentos conjugais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980.
- Skinner, E. A., Wellborn, J. G., & Regan, C. (1986). *The "Parents as Social Context Questionnaire" (PASCQ): Parent- and child-reports of parent involvement, structure, and autonomy support*. (Tech Rep.). Rochester, NY: University of Rochester.
- Skinner, E., Johnson, S., & Snyder, T. (2005). Six dimensions of parenting: A motivational model. *Parenting: Science and Practice*, 5, 175-235. doi:10.1207/s15327922par0502\_3
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: new scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28.

- Stephens, M. A. (2009). *Gender differences in parenting styles and effects on the parent child relationship*. Doctoral Dissertation. Texas: University of San-Marcos.
- Stevens, D. P., Kiger, G., & Mannon, S. E. (2005). Domestic labor and marital satisfaction: How much or how satisfied? *Marriage & Family Review*, 37(4), 49-67. doi:10.13000/J002v37n04\_04
- Twenge, J. M., Campbell, W. K., & Foster, C. A. (2003). Parenthood and marital satisfaction: A meta analytic review. *Journal of Marriage and Family*, 65(3), 574-583.
- Vaughn, M. J., & Baier, M. E. M. (1999). Reliability and validity of the relationship assessment scale. *American Journal of Family Therapy*, 27, 137-147.
- Vieira, J. (2008). *Vinculação romântica e parentalidade* (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Villas-Boas, A. C. V. B., Dessen, M. A., & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: Uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 91-102.
- Wagner, A. & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade: Uma revisão teórica sobre o tema. *Psicologia Clínica*, 13, 1-15.
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 187-204. doi: 10.1080/00223890701268041
- Weiss, R. (1996). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parks, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). London, New York: Routledge.
- Willi, J. (1978). *La pareja humana: Relación y conflicto*. Madrid: Morata.



Anexo 1. Correlações bivariáveis das dimensões em estudo

Dimensões	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
1. Satisfação conjugal (M)	1	.428**	-.492**	-.422**	-.212*	-.046	.351**	.013	-.303**	-.024	.477**	.098	-.321**	-.161	.397**	.049	-.346**	-.157
2. Satisfação conjugal (F)		1	-.180*	-.595**	-.081	-.130	.174*	.129	-.086	-.335**	.112	.159	-.141	-.315**	.205*	.265**	-.106	-.320**
3. Evitamento (M)			1	.330*	.262**	.208*	-.262**	.004	.324**	.131	-.361**	-.012	.201*	.022	-.350**	.052	.403**	.176*
4. Evitamento (F)				1	.191*	.293**	-.137	-.095	.160	.250**	-.136	-.171*	.229**	.260**	-.236**	-.169	.228**	.365**
5. Ansiedade (M)					1	.344**	-.158	-.291**	.389**	.195*	-.194*	-.276**	.228**	-.015	-.259**	-.203*	.321**	.241**
6. Ansiedade (F)						1	.044	-.135	.238**	.312**	-.039	-.072	.090	.141	-.150	-.042	.141	.229**
7. Estrutura (M)							1	.190*	-.222**	-.092	.368**	-.026	-.129	-.086	.401**	.154	-.207*	-.066
8. Estrutura (F)								1	-.142	-.321**	.096	.449**	-.215*	-.141	.212*	.582**	-.142	-.301**
9. Caos (M)									1	.261**	-.288**	-.068	.336**	.082	-.410**	-.093	.473**	.108
10. Caos (F)										1	.077	-.256**	.227**	.578**	-.173*	-.381**	.190*	.439**
11. Apoio à Autonomia (M)											1	.207*	-.263**	.041	.434**	.110	-.342**	-.173*
12. Apoio à Autonomia (F)												1	-.224**	-.124	.207*	.592**	-.073	-.327**
13. Coerção (M)													1	.377**	-.393**	-.263**	.548**	.249**
14. (Coerção (F)														1	-.202*	-.270**	.138	.485**
15. Calor (M)															1	.216*	-.528**	-.274
16. Calor (F)																1	-.177*	-.503**
17. Rejeição (M)																	1	.356**
18. Rejeição (F)																		1

\*\* . A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades) \* . A correlação é significativa no nível 0.05 (2 extremidades) N= 134 casais